

# CARTA DO LÍBANO

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

## RIO-PRETENSES DOS CEDROS

Como os imigrantes  
“mascatearam” seu  
caminho através do  
comércio, economia,  
sociedade, educação  
e política em uma  
das cidades mais  
prósperas do estado  
de São Paulo

# MESTRES DE CORAÇÃO

Os médicos Stephano e Edmo  
Atique Gabriel com os pais, os professores  
Maria Lucia Atique e Edmo Gabriel

# Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



## HOTEL NACIONAL INN

reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208  
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

# Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS + PARQUE  
AQUECIDAS + WALTER WORD



comercial@thww.com.br  
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131  
Jardim Del Rey

www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO  
DA EDITORA NAÍME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL

FOUAD NAIME  
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE  
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO  
MARIO MENDES  
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS  
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS  
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO  
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA  
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908  
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA

STEPHANO, EDMO ATIQUE GABRIEL, MARIA  
LUCIA ATIQUE E EDMO GABRIEL

FOTO  
BRUNO ZATI

EDITORIAL

# O LEGADO LIBANÊS E SÍRIO NO INTERIOR DE SÃO PAULO

**N**esta edição, Carta do Líbano montou QG durante alguns dias na grande cidade do noroeste paulista, São José do Rio Preto, espécie de capital da segunda região brasileira de maior afluência de imigrantes libaneses e sírios durante o século passado - só perdendo para a cidade de São Paulo.

Para se ter a dimensão desse movimento populacional, conversamos com especialistas na história da cidade e sua colônia árabe que nos revelaram vários aspectos da importância, influência e legado dos "rio-pretenses dos Cedros".

Assim, traçamos um retrato da presença libanesa e síria na cidade através da trajetória das famílias que se destacaram em diversas áreas.

Como os irmãos Atique Gabriel, os professores-doutores Edmo e Sthefano, mestres no campo da cirurgia cardiovascular, que dão continuidade a uma tradição de Cultura, Saúde e Educação.

Na área dos negócios e empreendedorismo, falamos do legado de Murchid Homsí e sua enorme importância para a Economia do município - seu filho, Nenê Homsí, foi jornalista dos mais conhecidos e admirados de Rio Preto.

Quando se fala em Comunicação, os nomes que vêm à mente são os de Adib, César e Rubens Muanis, homens de Rádio e TV que deixaram sua marca na comunidade e hoje são representados pelo descendente Adib Muanis Junior.

Maria José Aziz, conhecida por todos como Zezé, é a grande dama da Cultura, responsável pelo concorrido Festival Internacional de Teatro. Enquanto a memória de Wilson Romano Calil, escritor, orador, médico, jornalista, advogado e político é motivo de orgulho rio-pretense.

Há também os Gattaz e os Saidah, exemplos do espírito audacioso e perseverante dos imigrantes, também representado por Hayssam Mohamad Akad - o Salim, do Kiberama - e o cosmopolita Tarek Sartout.

Para completar, um momento de fé: Jorge Bitar, personagem da cena cultural que participou ativamente da instalação de uma paróquia maronita na cidade. E os quase 90 anos de história da Igreja Ortodoxa de São Jorge de São José do Rio Preto.



FOUAD NAIME  
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano

# SUMÁRIO

ANO 25 • NÚMERO 172 • 10/2019

CARTA DO  
**LÍBANO**

**8 |** Como os imigrantes libaneses e sírios “mascatearam” seu caminho através do comércio, economia, sociedade e política em uma das cidades mais prósperas do estado de São Paulo

**14 |** De audaciosos mascates a ilustres personalidades, uma linha do tempo da presença de libaneses e sírios

**18 |** Talentoso, generoso e cheio de charme, Nenê Homsí retratou a cidade no colunismo social e se tornou, ele mesmo, um personagem da história rio-pretense

**20 |** Nada como ter um médico na família. No caso dos Atique Gabriel, são dois, os irmãos Edmo e Sthefano. Especialistas na área cardiovascular, eles uniram vasto currículo acadêmico e extensa experiência profissional em uma clínica que é motivo de orgulho em Rio Preto

**24 |** Murchid Homsí, hábil homem de negócios e dedicado ao bem da comunidade, hoje ele é nome conhecido até por quem nada sabe de sua vida e obra

**28 |** Ele nasceu em Catanduva e passou seus últimos anos em São José do Rio Preto, mas a cidade de seu coração era mesmo Monte Aprazível. Depois da família, este foi o maior amor de Saad Abdalla Gattaz

**32 |** Ele sempre esteve à frente de seu tempo. Escritor, orador, médico, jornalista, advogado e político, Wilson Romano Calil é reconhecido, sobretudo, por seu comprometimento

**36 |** Em quase 90 anos de história,

a Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, em Rio Preto, movimentou a comunidade árabe e prestou serviços à população como um todo

**38 |** Antônio José Cury registra São José do Rio Preto há mais de 40 anos e seus antepassados também estão na história do município e do Líbano

**42 |** Hayssam Mohamad Akad, fundou, há mais de 50 anos o restaurante Kiberama, uma marca da boa gastronomia e tradição na cidade

**46 |** Tarek Sarrouf, um libanês-brasileiro que carrega o espírito nômade dos Fenícios e o legado de um pai cidadão do mundo

**48 |** A família Muanis é sinônimo de comunicação em São José do Rio Preto. Os irmãos Adib Abdo, César e Rubens Muanis deixaram sua marca nas emissoras de rádio e TV e nos jornais da cidade

**52 |** Descendente de libaneses, Jorge Bitar fala sobre a trajetória de sua família, desde a vinda de seu avô para a América Latina, até a instalação de uma paróquia Maronita em Rio Preto

**56 |** Filha de libaneses, Maria José Aziz aprendeu com os pais a valorizar a Educação e a Cultura, fatores de transformação da sociedade, e fez disso sua missão de vida

**60 |** Ela veio do Líbano ainda menina e cresceu no Brasil, vendo a luta e o empenho dos pais para educar os quatro filhos. Reunindo a memória afetiva do clã, Khadouy Saidah Hassem escreveu um livro



# CARTAS

## Carta do Líbano, a melhor?

“Pode não ser a melhor - ou é? – a última Carta do Líbano, setembro/2019.

O poder da comunicação já se estampa na matéria da capa, com a colega de profissão, Cida Caran, colunista na sempre surpreendente São José do Rio Preto - “do meu primo” Jorge Abdanur Estephan, que lá foi vereador. E segue na mesma área, com Elma Eneida Bassa Mendes, também colunista na mesma Rio Preto. Matéria sobre Alfredo Nasser revela o quanto a imigração libanesa avançou ao se integrar e se entregar aos problemas, e soluções, da política e da economia do Brasil; entre outros tantos temas. Família Assad Abdalla alça voos na conquista do status social, revelando luxo e requinte conquistados e revelados na mansão da histórica Avenida Paulista. Em fotos memoráveis. Colaborador Albino Castro traz à tona a obra-prima, “Lawrence da Arábia”. Revisto hoje, o filme de David Lean é irretocável, nos aspectos político, social, artístico. Atualíssimo. Há cenas que nunca nos deixaram e revê-las, em versão restaurada, é também, maneira de nos reencontrarmos com nossa juventude, absorvendo a mensagem da real, hipotética ou impensável união dos povos árabes. A entrada de Omar Sharif em cena, um ponto perdido no horizonte trêmulo do deserto que, lentamente avança em nossa direção, até se formatar no soberbo homem montado em seu camelo. O estupro de Laurence, maravilhosamente interpretado por Peter O’toole, pelos turcos. E a mais inolvidável de todas: o assalto ao trem de ferro, orquestrado pelo personagem de Anthony Quinn, com carga de cavalos árabes, dos quais escolhe o mais belo. Bem, fui além do que deveria nesta carta para falar da outra Carta. Mas é minha reação frente a temas do meu maior interesse. Diante deles é difícil não reagir. *Mabruk*, Fouad Naime.

**Jorge Alberto Nabut, jornalista uberabense e autor do livro “Fragmentos Árabes”**  
Uberaba, MG



Caro amigo Fouad,

“Cumprimento-o por mais uma bela edição da Carta do Líbano. As matérias das revistas, sempre de conteúdo interessante, ficam especiais com seu texto leve e objetivo e a atual não fugiu à regra... Parabéns!

**Maurício Cecilio, Empresário**  
Uberaba, MG

Caro editor Fouad Naime,

“Permita-me agradecer a bela reportagem sobre o jantar oferecido por Roberto Duailibi ao governador João Doria, em nome da Academia Paulista de Letras.

Sugiro ao senhor uma reportagem sobre os descendentes de libaneses que já pertenceram ou ainda pertencem à nossa Academia, que está completando 110 anos em 2019.

**Um abraço do José Renato Nalinil, Presidente da Academia Paulista de Letras**  
São Paulo, SP



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME .....  
E-MAIL ..... TEL. ....  
ENDEREÇO .....  
CEP ..... CIDADE ..... ESTADO .....



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede  
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP  
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500  
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 95 · CONTA CORRENTE 21114-1

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# RIO- PRETENSES DOS CEDROS

Como os imigrantes libaneses e sírios “mascatearam” seu caminho através do comércio, economia, sociedade, educação e política em uma das cidades mais prósperas do estado de São Paulo



Casamento de Moysés Miguel Haddad e Najla Mussi, em 1918. Nascido em Al-Farkok, Líbano, em 1884, Moysés foi diretor proprietário da Empresa Telephônica de Rio Preto, levando a comunicação para 55 municípios da região. Em 1934, integrou a comissão de construção da Catedral São Jorge, da Igreja Ortodoxa Antioquina

FOTOS: ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

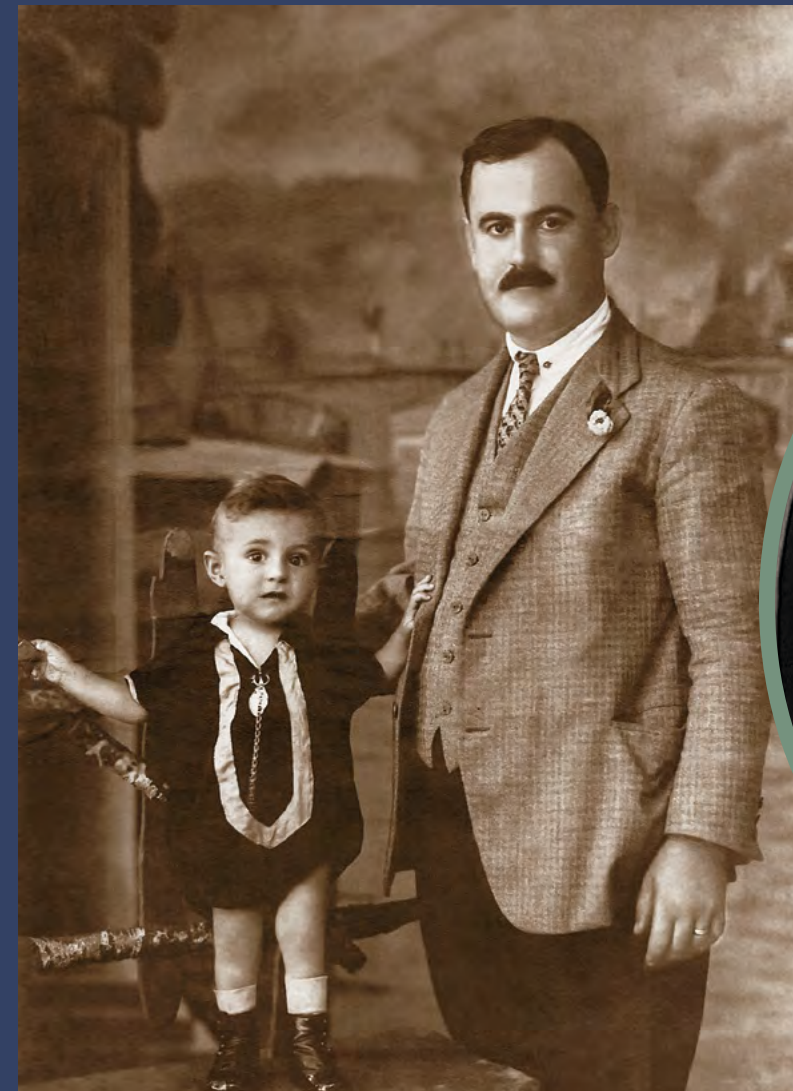
Assim como várias cidades brasileiras, São José do Rio Preto também tem a sua história da imigração de libaneses e sírios. O município do noroeste paulista recebeu os primeiros “patrícios” em 1885. Eram os primos Antoun Saab al-Daher e Feres Saab, nascidos em Hadath al-Jibbeh, norte do Líbano (veja linha do tempo). Esses pioneiros foram direto trabalhar na mascateação - como se tornaria praxe entre seus conterrâneos que vieram depois deles - e, passados cinco anos, a colônia já dominava 60% do comércio local. “O que provocou uma forte reação dos comerciantes rio-pretenses”, nos conta a escritora e jornalista Cecília Demian, especialista na memória da experiência migratória libanesa e síria na região. Segundo ela, a trajetória dos que chegaram em busca de melhores condições de vida em uma terra longínqua e estranha, era sempre muito semelhante: “Pode ser a história do seu pai, do seu avô, do Hanna, do Abrão, do Jamil ou do Jorge”, explica. “De malinha na mão, e à custa de muitos sacrifícios, chegaram aos poucos e se tornaram empresários, políticos, grandes homens e influenciadores”, observa.

O perfil desse imigrante que deixava a pátria era basicamente masculino e jovem - cerca de 23 anos. Muitos deixaram para trás irmãos e irmãs órfãos, vítimas de guerras e conflitos, e uma vida de privações. E, apesar de se corresponderem com eles e enviarem dinheiro regularmente, acabavam não os vendo nunca mais. A viagem até o Brasil era longa e difícil, geralmente na terceira classe de um navio lotado de outras pessoas nas mesmas condições e com os mesmos anseios. Eles desembarcavam no porto de Santos sem entender uma palavra de português e, ao contrário dos imigrantes de outras nacionalidades que eram aguardados pelas autoridades brasileiras, não tiveram a passagem paga pelo serviço de imigração e nem tinham um destino certo - como a Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás, em São Paulo. Muito menos emprego, como os italianos e espanhóis que seguiam para as fazendas de café e algodão, no interior paulista, onde já estavam contratados como mão de obra remunerada, em substituição aos negros escravizados recém-libertos.

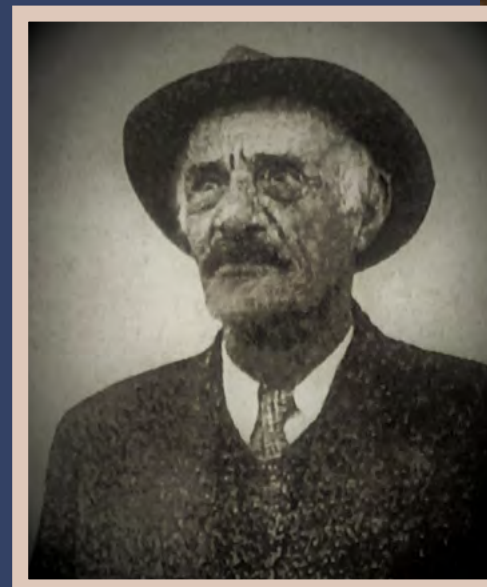
O dinheiro que traziam era pouco, muito pouco, mas a vontade de vencer era imensa. E o caminho para realizar os sonhos, ou pelo menos iniciar a caminhada rumo a eles, era trabalhar no comércio, por conta própria, como mascate. Personagem conhecido e estimado pela população da periferia das grandes cidades, das cidadezinhas do interior, dos povoados no campo e das fazendas, esse comerciante informal, que carregava as mercadorias em malas de papelão improvisadas ou em carrinhos de mão, vendia praticamente de tudo. De artigos de primeira necessidade a mimos variados: tecidos, roupas prontas, aviamentos, calçados, bijuterias, perfumes etc. “Esperava-se pelo mascate, contando-se os dias e horas de seu trajeto e, quando por um motivo qualquer era levado a ausentar-se por mais dias do que costumava, acontecia que os moradores preocupados com sua demora mandavam ao seu encontro pessoas para saber notícias suas”, como descreve o ex-jogador de futebol rio-pretense, que se tornou professor de história e escritor, Agostinho Brandi, em um de seus livros.

Mascates encaravam sol, frio, chuvas e trovoadas. Vendiam à vista e a prazo - o famoso “turco da prestação” - e, enquanto iam aprendendo o idioma ao se comunicar com os brasileiros do povo, iam também amealhando uma ampla freguesia. Foram os criadores das promoções de determinados produtos e das grandes liquidações da mercadoria. Sem dúvida, o mascate era a figura mais emblemática da imigração libanesa e síria no Brasil. Na época em que percorriam os caminhos e trilhas mais intrincados do País, chegaram a ser comparados a “missionários da civilização”. Ou, como avalia Cecília Demian: “O mascate não fundava cidades, mas ajudava a desenvolver comunidades”.

Para muitos imigrantes libaneses e sírios a vida prosperou em forma de estabelecimentos de destaque situados na melhor rua do comércio local - armazéns, lojas de tecidos, empórios de secos e molhados. Adquiriram casa própria, casaram-se dentro da própria colônia - com alguma imigrante ou descendente de primeira geração - constituíram família, mandaram os filhos para a escola - realidade que a infância pobre na terra natal não lhes permitiu - e, no final, puderam olhar o passado, fazer um balanço e se orgulhar daquilo que construíram e deixaram como legado. “Bonita história. Mas só

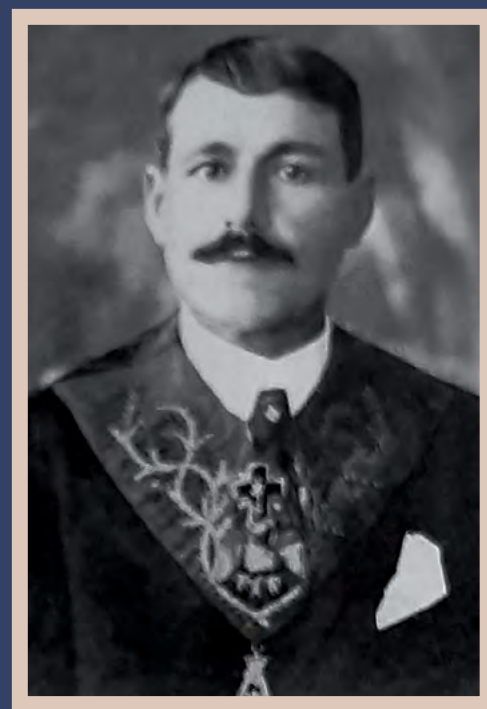
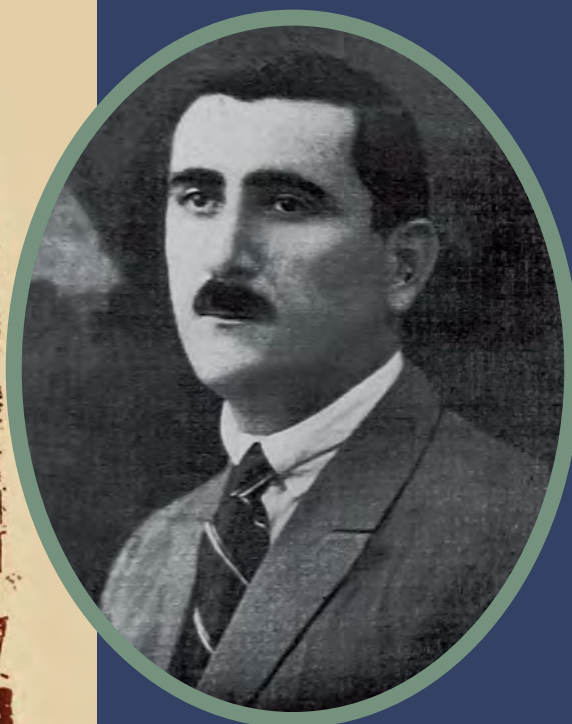


No sentido horário: Toufik Rahd, nascido em Chbanye, Líbano, em 1887, médico e farmacêutico fundador da Farmácia São José, um dos fundadores e primeiro presidente Clube do Monte Líbano, em 1930; José Abdalla Racy; Loja de Moysés Miguel Haddad e o capitão João Nicolau, que despertava curiosidade na época por ser estrangeiro ocupando o posto de Capitão na Guarda Nacional





No sentido horário: Ilustração com mascate conversando com dona da casa; Calil Buchalla; José Demétrio e Coligação Libanesa



muito trabalho e sacrifícios explicam o final feliz”, pondera Cecília.

Para a colônia libanesa e síria que aos poucos se estabelecia em São José do Rio Preto, muito antes de qualquer final feliz houve a reação dos comerciantes locais que não viam com bons olhos a concorrência acirrada dos “forasteiros” e decidiram retaliar. No distante 1896 um vereador, Valêncio José Barbosa, propôs a lei que instituiu o imposto de 1 conto de réis para se conseguir permissão para ser mascate. Mais uma taxa de 500 mil réis para estrangeiros interessados em abrir estabelecimento comercial na cidade. Para se ter uma ideia de valores, o Orçamento daquele ano era de 17 contos de réis. Em seguida, foi a vez do presidente da Câmara, Pedro Amaral - coincidentemente o maior comerciante de secos e molhados de Rio Preto - que, dois anos depois, conseguiu aprovar os impostos de 2 contos de réis para o mascate-cargueiro (com animais) e 20 contos para mascate com carroça.

“A influência da colônia árabe era tão abrangente, que um vereador apresentou projeto à Câmara Municipal de Rio Preto, proibindo falar árabe nas ruas ou em público. O projeto não foi nem para votação, mas dá para medir o alcance desta nova cultura na cidade e na região”, conta Cecília Demian. Esse político era o vereador Porfírio Pimental que, em 1906, ele fez a seguinte proposta à Câmara:

“A bem popular e bem do governo municipal desta cidade:

1º) Todos os negociantes árabes e turcos desta cidade não poderão continuar no comércio deste município sem ter um guarda-livro (contador) esse que seja brasileiro dentro do prazo de 30 dias; depois de avisado no fim dos 30 dias, os que não tiverem o guarda-livros brasileiro incorrem na multa de 50\$000 e não poderá negociar.

2º) Todos os turcos que falar a língua turca

perto de um brasileiro para cada vez que falar (terá) multa de 10\$000 na boca do cofre municipal. Todo brasileiro que ouvir eles falando e não der parte ao fiscal (terá) multa de 10\$000.”

Apesar das manobras políticas e tentativas de intimidação, os comerciantes libaneses e sírios - herdeiros do espírito empreendedor destemido dos antigos mercadores fenícios - mostraram resiliência encarando os obstáculos, deixando claro que haviam chegado para ficar e consideravam-se cidadãos rio-pretenses como qualquer outro ali nascido. Hoje, passado mais de um século, os descendentes destes pioneiros estão presentes em todos os âmbitos da sociedade local. São empresários, profissionais liberais, educadores, intelectuais, artistas, políticos e líderes.

São José do Rio Preto é uma das cidades brasileiras que teve seu perfil moldado pela grande influência da presença libanesa e síria sendo um dos municípios mais prósperos do estado de São Paulo. Já no censo de 1920, aparece uma forte concentração desses imigrantes na região servida pela Estrada de Ferro Araraquarense que, além de Rio Preto, também servia as cidades de Barretos, Olímpia, Catanduva, Taquaritinga e Monte Alto. Concentração migratória apenas superada pela capital do Estado.

Em seu livro “Gente Que Fez Rio Preto”, Leonardo Gomes observa: “Esses imigrantes, sírios e libaneses, traziam consigo suas tradições, seus costumes e suas religiões, os quais se esforçaram para conservar, onde quer que estivessem. Para isso, fundaram clubes, agremiações, sociedades beneficentes e igrejas. Cada organização era instituída por um motivo; cada agremiação era criada por uma causa e cada igreja era edificada por uma razão”.

É desse legado de trabalho e conquista que a comunidade libanesa e síria de São José do Rio Preto hoje se orgulha e comemora. Uma celebração não só de seus descendentes, mas de toda a cidade. ■

“A influência da colônia árabe era tão abrangente, que um vereador apresentou projeto à Câmara Municipal de Rio Preto, proibindo falar árabe nas ruas ou em público”

# CAMINHO DAS PEDRAS

De audaciosos mascates a ilustres personalidades, uma linha do tempo da presença de libaneses e sírios

**1885**

Os primos Antoun Saab al-Daher e Feres Saab - naturais de Hadath al-Jibbeh - chegam a São José do Rio Preto, iniciando a imigração de libaneses e sírios na região.

**1892**

Entram em cena os mascates.

**1896**

O vereador Valêncio José Barbosa cria imposto para autorizar a mascateação.

O vereador Porfírio Pimentel e aumenta o imposto a pedido dos comerciantes locais.

**1898**

Projeto de lei do presidente da Câmara - e comerciante - Pedro Amaral, aumenta impostos para comerciantes estrangeiros.

**1906**

Porfírio Pimentel aumenta exigências e multas para “negociantes árabes e turcos desta cidade”.

**1907**

Jornal “O Porvir” - o primeiro do município - publica abaixo-assinado de comerciantes libaneses e sírios contra perseguições da polícia e zombarias de comerciantes locais.

**1908**

Câmara atende mais um pedido dos comerciantes e aumenta imposto para mascates.

Prefeito Adolpho Guimarães Correa decreta mais aumentos.



Prefeito Lotf João Bassitt



Vereador Bady Bassitt

**1912**

A chegada do trem da Estrada de Ferro Araraquara (EFA) encurta as distâncias percorrida pelos mascates. Adeus carros de boi, estradas péssimas ou inexistentes.

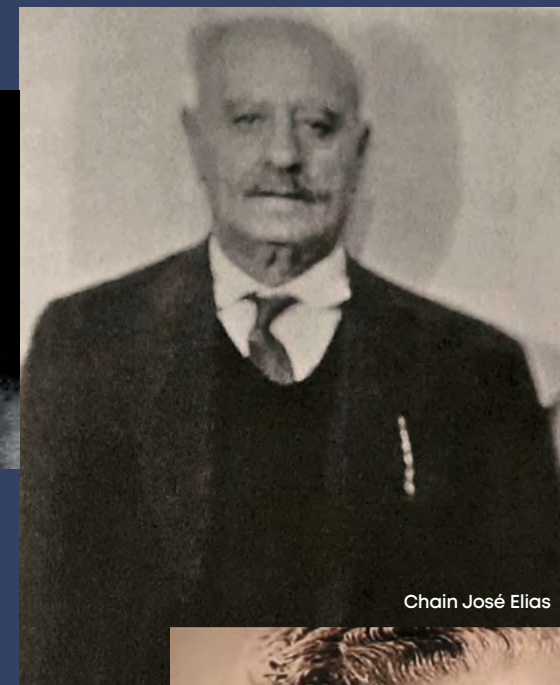
José Scaff assume como suplente de vereador, o primeiro descendente da colônia na política.

**1917**

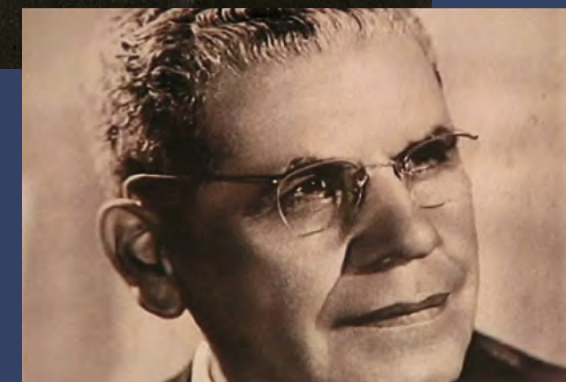
Fundação da Escola Árabe

**1902 a 1920**

Nas primeiras décadas do século 20, eram lideranças os libaneses e sírios, Chain José Elias (Casa Bancária), um dos pioneiros no setor bancário, comerciante, fazendeiro, com empresas registradas na Junta Comercial de São Paulo (1902); Demétrio Elias Madi (Casa Madi), ligado à telefonia local e regional; José e Felício Scaff, grandes cafeicultores, José foi o primeiro libanês a participar da política como vereador (1911-1913); capitão João Nicolau, comerciante, proprietário rural e capitão da Guarda Nacional; João Bassitt, pecuarista de grande porte, pai de Lotf e Bady Bassitt, futuros prefeitos de Rio Preto; Nagib Gabriel, José Abdullah Racy, Calil Buchalla, Moisés Miguel Haddad (Casa Moisés), Salomão Elias Abufares (Casa Centenário), João Gabriel (Casa Esperança), Elias Mussi (Casa Mussi), Murchid Homsí (Homsí & Irmão, máquinas de beneficiamento de grãos e cônsul honorário do Líbano em Rio Preto), Mançor Daud, Camilo Assaf, entre outros inúmeros imigrantes.



Chain José Elias



Cônsul honorário do Líbano, Murchid Homsí



O logo da Coligação Libanesa, futuro Clube Monte Líbano

**1922**

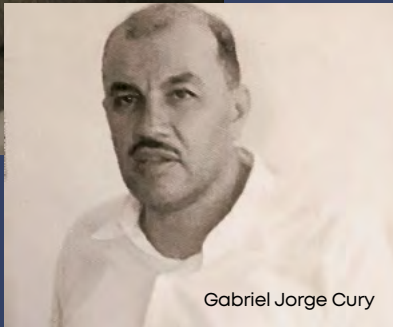
Fundação da Sociedade Jovens Sírios - hoje Clube Sírio-Brasileiro - e do Colégio Jovens Sírios

**1926**

Acirp (Associação Comercial e Industrial de Rio Preto) elege presidente o descendente libanês Nagib Gabriel. O primeiro de sete, de linhagem árabe, da instituição.



João Bassitt



Gabriel Jorge Cury

**1930**

Nasce o Clube Monte Líbano

**1934**

Criação da Liga Pró-Pátria Síria para angariar recursos para a independência do país, sob o domínio da França desde 1920.

Grupo de imigrantes articula a construção da Igreja Ortodoxa. A pedra fundamental é lançada em 1936.

**1937**

Governo Vargas ordena o fechamento de sociedades e agremiações estrangeiras. O Clube Monte Líbano muda o nome para Coligação Brasileira;

**1945**

Criação das Sociedade das Damas Ortodoxas.

**1947**

Sagração da Igreja Ortodoxa Antioquina ou Catedral Ortodoxa São Jorge

Dois líderes políticos são eleitos vereadores, Bady Bassitt e Waldemiro Naffah. Os descendentes libaneses e sírios começam a se destacar na política local e do estado de São Paulo.

**1955**

Tendo associados brasileiros, a Coligação Brasileira volta ser Clube Monte Líbano

**1964**

Filho de comerciante libanês, Lotf João Bassitt (1914-1988) torna-se prefeito de Rio Preto.

Nas legislaturas seguintes, destacaram-se os descendentes: Olavo Taufic, José Felício Mizirara, Odilon Ismael, José Jorge Cury, José Jorge Júnior, Hatim Salim, Daud Jorge Simão, Gabriel Cesário Cury, Alberto Ismael, Raul Tauyr, José Chalella, Willian Rahd, Ary Attab, Armando Casseb, José Barbar Cury, Walter Farath Jr, Emanuel Tauyr, Eduardo Nicolau, Dinho Alahmar, Jorge Abdanur e Fuade Elias.

**1965**

O médico Halim Atique funda a Faculdade de Direito Rio-Pretense (Fadir), hoje Unirp – Centro Universitário de Rio Preto.

**1972**

Os irmãos Cezar e Luiz Carlos Casseb criam a Unorp – União das Faculdades do Norte Paulista

**1973**

Médico, advogado e jornalista, Wilson Romano Calil (1932-2018) torna-se prefeito.

**1986**

O casal Edmo Gabriel e Maria Lúcia Atique funda a Unilago.

**2003**

Fundação da Paróquia Nossa Senhora do Líbano por dom Youssef Mahfouz, arcebispo maronita de São Paulo.

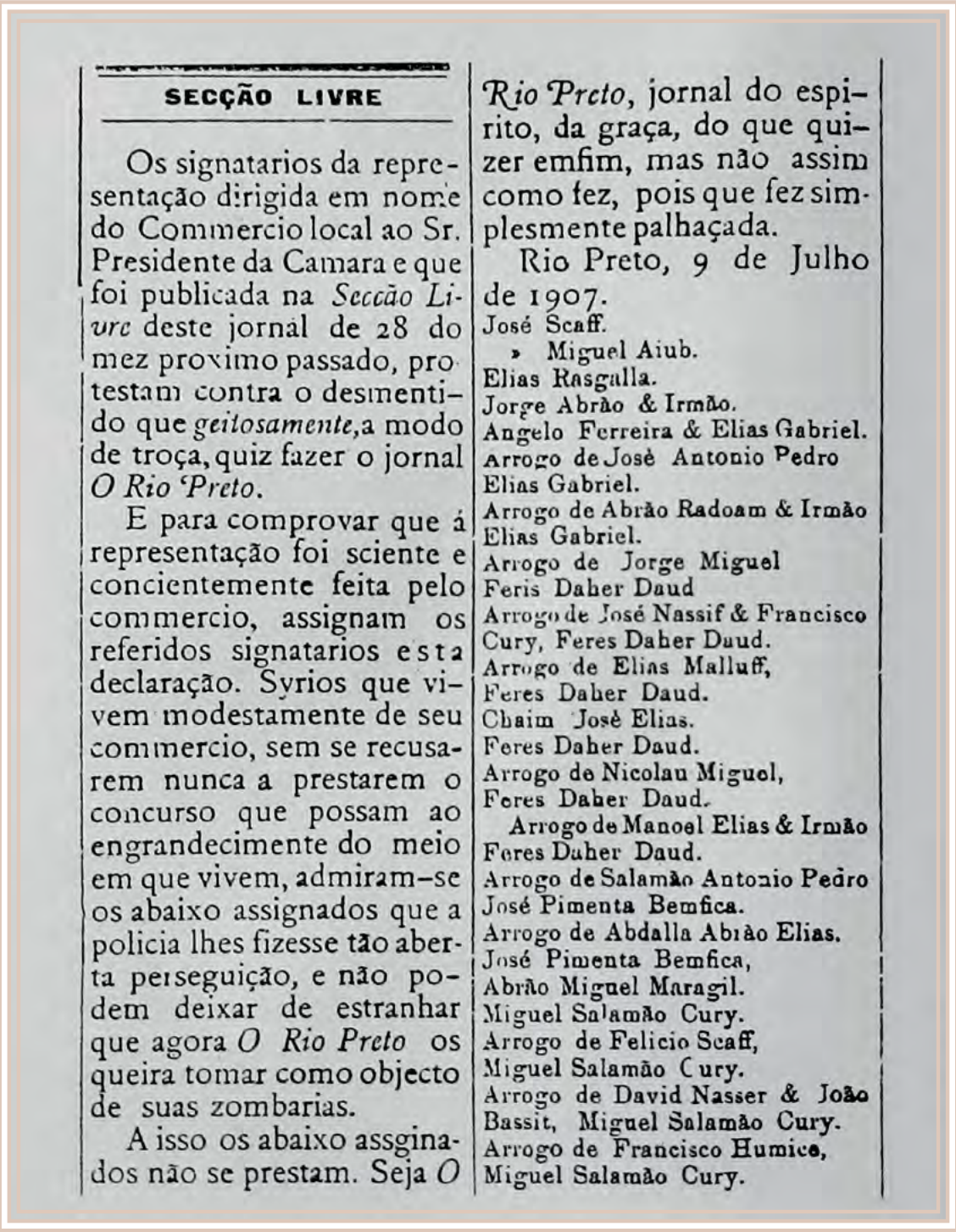
J. Hawilla cria a TV TEM, unindo emissoras de Bauru, Sorocaba, Itapetininga e Rio Preto

**2005**

O médico Toufic Anbar funda a Faceres, com nove cursos de ensino superior, incluindo Medicina.

**2018**

Inauguração da praça Memorial dos Povos Árabes, em homenagem à contribuição libanesa e síria na cidade.



Protesto assinado por patricios publicado no jornal "O Porvir", em 12 de julho de 1907, contra um artigo publicado no jornal "O Rio Preto". Eles denunciavam a perseguição policial e o ambiente de animosidade, na época, devido à presença de peso da colônia libanesa e síria no comércio de São José do Rio Preto

# O COLUNISTA FAVORITO DE TODOS



O colunista Carlos Alberto Homsi, conhecido como Nenê, imprimiu sua marca na sociedade rio-pretense

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Talentoso, generoso e cheio de charme, Nenê Homsi retratou a cidade no colunismo social e se tornou, ele mesmo, um personagem da história rio-pretense

Carlos Alberto Homsi foi o colunista social que acompanhou a história da cidade, registrando-a em suas páginas no “Diário da Região”, o mais importante jornal do município, por mais de 25 anos.

Nenê - como todos o conheciam - era filho do influente libanês Murchid Homsi, um dos homens mais importantes na economia do município, e cônsul honorário do Líbano até sua morte, em 1959. A mãe, dona Geny, foi uma dama devota e amável.

Membro dessa família tradicional, Nenê Homsi era o caçula de três irmãos e iniciou a carreira no Jornalismo em 1976, quando passou a escrever sobre MPB no extinto jornal “Dia e Noite”. Dois anos depois, pelas mãos de Amaury Jr, migrou para o colunismo social, onde aperfeiçoou um estilo e cravou seu nome definitivamente, colaborando em vários jornais locais.

Além da coluna impressa, ele enveredou pelos caminhos da TV, apresentando programas que registravam a vida social festiva e empreendedora de Rio Preto, como o “Nenê Homsi” e o talk-show “Gente de Expressão”, ambos na TV da Cidade, no Canal 16. Também organizava eventos que entraram para o calendário turístico e social do município, como a “Feijoada do Nenê”.

A partir de 1983, passou a assinar uma página no “Diário da Região”. Reconhecido pela escrita elegante, o estilo nobre e a gentileza - procurava atender a tudo e a todos - foi um dos raros colunistas da região a dominar com perfeição o uso de estrangeirismos, uma característica do gênero.

“Ele tinha vocação para o Jornalismo. Apesar de formado em Administração de Empresas, preferia seguir sua vocação a ser dono de uma empresa da família”, observa seu irmão, Milton Homsi. “Nenê nunca participou dos negócios de família. Mas ajudava os necessitados, como os moradores de rua, da mesma forma que todos nós”, conta.

Desde a morte de dona Geny, nos anos 90, Nenê morou sozinho no casarão da família, porém levando uma vida modesta. Milton conta que, enquanto a mídia em geral gostava de chamar a

residência dos Homsis de “Mansão da Voluntários”, Nenê preferia chamá-la de “Solar das Onças”.

Era um homem de prestígio entre as famílias tradicionais e muito querido por pessoas de todas as idades. Pode-se afirmar que foi uma unanimidade na região. Na profissão, cultivou mais amigos do que desafetos e rivais e fazia questão de incentivar os jovens em começo de carreira.

Em 2008, aos 63 anos de idade e 25 anos de colunismo social, Nenê Homsi recebeu homenagem da Câmara Municipal de São José do Rio Preto, com o título de Reconhecimento Público, de autoria do vereador Edmo Alves da Costa, pelos serviços prestados à comunidade através das páginas do “Diário da Região”. A celebração do jubileu de prata de sua carreira como colunista foi devidamente comemorada com festa no Automóvel Clube.

Escreveu crônica social até o final da vida. Faleceu em 26 de setembro de 2016, aos 76 anos, no Hospital de Base de São José do Rio Preto. Morreu trabalhando. Ele completaria 77 anos no dia 7 de outubro. Foi enterrado no Cemitério da Ressurreição e a Prefeitura decretou luto oficial de três dias.

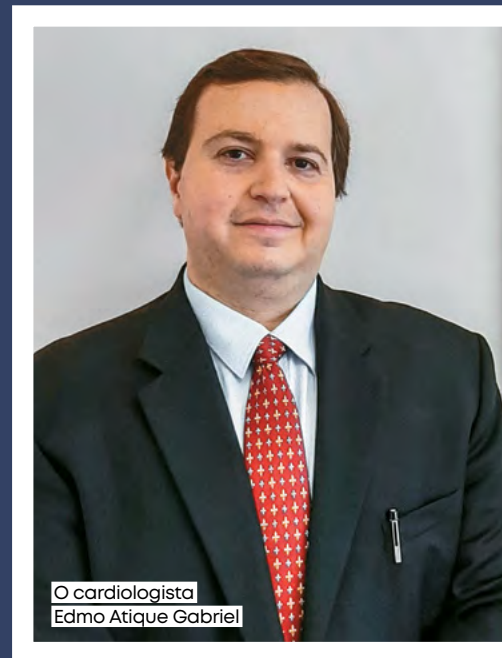
Os vereadores de Rio Preto aprovaram por unanimidade três projetos de lei do Executivo homenageando o jornalista, dando seu nome à praça inaugurada na avenida Alberto Andaló. Assim, Nenê Homsi permanece eternizado na cidade que tanto amou e retratou em suas crônicas. ■

“Era um homem de prestígio entre as famílias tradicionais e muito querido por pessoas de todas as idades. Pode-se afirmar que foi uma unanimidade na região”

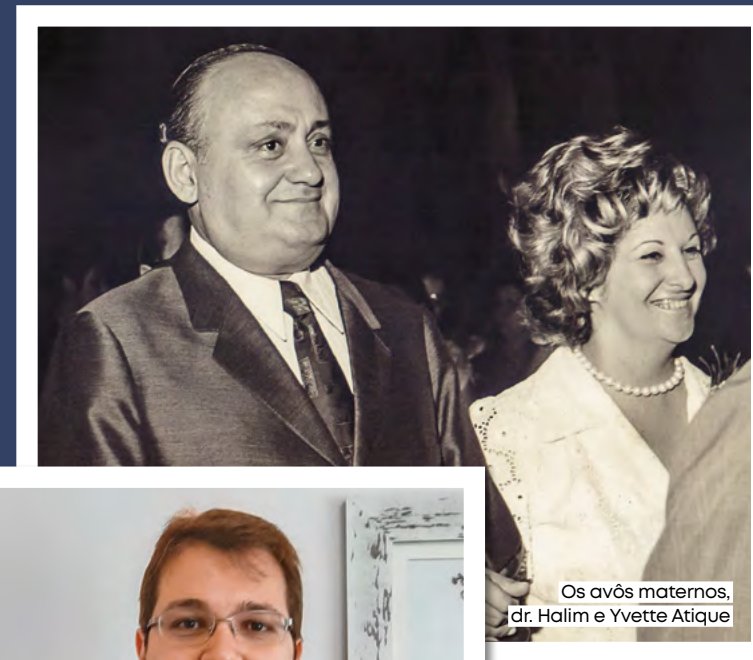
ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# IRMÃOS ATIOQUE GABRIEL A PARCERIA QUE VEM DO CORAÇÃO

Nada como ter um médico na família. No caso dos Atique Gabriel, são dois, os irmãos Edmo e Sthefano. Especialistas na área cardiovascular, eles uniram vasto currículo acadêmico e extensa experiência profissional em uma clínica que é motivo de orgulho em Rio Preto



O cardiologista  
Edmo Atique Gabriel



Os avós maternos,  
dr. Halim e Yvette Atique



Os avós paternos,  
Alfredo Gabriel e  
Adélia Miguel Gabriel



O cardiologista  
Sthefano Atique Gabriel



Três gerações em uma foto: a neta Maria Lúcia,  
a mãe Yvette e a vovó Alia Chueri Atique



Os pais Edmo Gabriel e Maria Lúcia  
Atique Gabriel, fundadores da Unilago

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



O professor Halim Atique parabeniza o colunista Amaury Jr. pela sua formatura em Direito, pela Fadir, em 1971



Amaury Jr. e a professora Yvette Atique



O médico e professor Halim Atique funda a Faculdade de Direito Rio-Preense, em 1965



Maria Lucia Atique Gabriel e Edmo Gabriel, pais queridos e casal exemplar, em 1981

**E**les nasceram em berço rico em cultura e conhecimento. Pioneiros na educação superior em São José do Rio Preto, seus avós maternos, os professores Yvette Gabriel Atique e dr. Halim Atique, fundaram a Fadir, atual Unirp (Centro Universitário de Rio Preto). Já os pais, Maria Lucia Atique Gabriel e Edmo Gabriel, foram os visionários que, em um momento de grave crise econômica do País - no final dos anos 80 e início dos 90 - desenvolveram o projeto educacional que veio a se tornar a Unilago (União das Faculdades dos Grandes Lagos), um marco em toda a região.

Não à toa, os irmãos médicos Atique Gabriel, Edmo e Sthefano, acumulam títulos acadêmicos, escreveram inúmeros artigos especializados, publicaram livros e possuem larga experiência na prática da Medicina. Edmo, o irmão mais velho, é professor doutor e cirurgião cardiovascular. Sthefano, também professor doutor, é médico angiologista, cirurgião vascular e endovascular. “A sabedoria de meus ancestrais libaneses foi fundamentada no princípio do desprovemento. O desprovemento que enaltece o trabalho e os estudos como as mais potentes armas, para o enfrentamento das agruras da vida”, declara Edmo Atique Gabriel, exaltando o apreço da

família pelo aprendizado e a cultura. Segundo ele, cada geração da família se dedicou e até se sacrificou para assegurar a formação profissional e intelectual de seus descendentes. Os antepassados da família Atique Gabriel vieram das cidades libanesas Zahle, Marjayoun, Rachaia, Hasbaya e Dhour Chuair - eram camponeses e mascates.

Depois de passarem boa parte da vida acadêmica e profissional se aperfeiçoando e se aprofundando na evolução de seu ofício nos grandes centros internacionais, eles decidiram unir forças e vivências na abertura de um grande centro médico em sua terra natal. Assim nasceu a Clínica Médica Atique Gabriel, que hoje oferece o que há de melhor e mais atualizado nas especialidades médicas dos irmãos doutores, para a cidade de Rio Preto e região. De consultas médicas eletivas ao processo pós-operatório, passando pelos exames diagnósticos, atendimento psicológico e orientação nutricional.

“Nossa cidade é a maior do noroeste paulista, uma das mais progressistas do estado de São Paulo. Parte considerável das raízes libanesas das famílias Atique e Gabriel encontra-se eternizada na história de sua educação superior, medicina e empreendedorismo”, avalia o dr. Edmo.

Ele chama atenção para os serviços

oferecidos pela clínica para a prevenção, diagnóstico e tratamento das principais doenças cardiovasculares: “Possuímos atendimento multiprofissional, para todas as faixas etárias, priorizando o bem-estar e a longevidade saudável”, informa. E reforça a motivação que os levou a se estabelecerem definitivamente em Rio Preto: “Seria injusto e até ingrato de nossa parte não investir em um empreendimento para elevar ainda mais o prestígio de nossa cidade, que se destaca como polo da medicina nacional”. Para o doutor Sthefano, “estar em Rio Preto nos proporciona praticar Medicina de vanguarda no Brasil”. Vale lembrar que ambos, além da prática da medicina, também atuam como professores, tanto para cursos da Unilago como de outras universidades brasileiras. Também são requisitados palestrantes no Brasil e no exterior.

Sthefano Atique - formado pela PUC-SP com residência médica pelas Universidade Santo Amaro e PUC-Campinas - fez especialização na Itália e é autor do livro “Inflammatory Response in Cardiovascular

Surgery”. Formado pela PUC-Campinas, Edmo Atique cursou especialização nos Estados Unidos, estagiando em hospitais na Escola de Medicina de Harvard e na cidade de Cleveland. Nesse período escreveu seu primeiro livro, “Principles of Pulmonary Protection in Heart Surgery”.

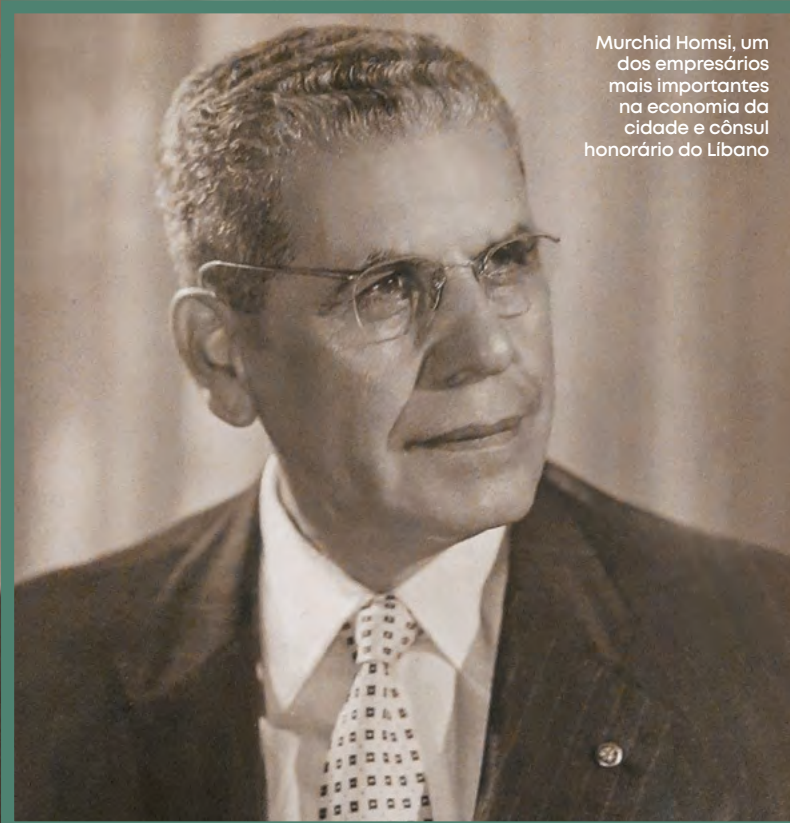
“A relação profissional entre meu irmão e eu tem sido uma parceria muito profícua”, orgulha-se Edmo Atique. “Temos pensamentos, ideais e projetos semelhantes. Nossas especialidades e habilidades se complementam, permitindo oferecer aos pacientes um atendimento eficiente e resolução completa das diferentes demandas. Uma parceria entre irmãos consiste na consagração de uma estrutura familiar sempre voltada ao trabalho, ética e profissionalismo”, declara.

E vai mais longe, valorizando as origens do clã: “Nossas raízes libanesas edificaram nossas ações e pensamentos, foram a inspiração para deixar um legado para as próximas gerações e servem de fôlego nas adversidades que se apresentam em qualquer trajetória”, conclui.

A trajetória e o trabalho dos irmãos Atique Gabriel são resultado da filosofia de vida de uma família empenhada na produção de bens culturais nos campos da ciência, saúde, leis, letras, artes e comunicação. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# MURCHID HOMSI, CIDADAO É EMPRESARIO POLIVALENTE



Murchid Homsí, um dos empresários mais importantes na economia da cidade e cônsul honorário do Líbano

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Hábil homem de negócios e dedicado ao bem da comunidade, hoje ele é nome conhecido até por quem nada sabe de sua vida e obra

**É** muito comum que um nome de logradouro urbano - rua, avenida, praça, viaduto etc - seja conhecido de todos apenas como endereço e referência de localização, embora não se saiba muito sobre a personalidade que carregou esse nome em vida. Esse é o caso de Murchid Homsí (1895-1959), o homem por trás do nome da conhecida avenida em São José do Rio Preto.

Quando morreu, aos 63 anos, foi motivo de alentado obituário no jornal "A Notícia", que o destacava como um dos mais prósperos homens de negócio da região, empresário que acumulava o mais alto cargo em diversos empreendimentos e cidadão fidalgo generoso, conhecido pelo trabalho social e de benemerências em várias instituições. Sua vida começou bem distante da cidade que eleger para viver e constituir família, na pátria adotiva que escolheu, o Brasil. Nasceu em Hasbaia, no Líbano, em 25 de outubro de 1895, filho de Maria Bauab e Ibrahim Homsí. Chegou ao Rio Preto em 10 de novembro de 1910 e logo se destacou no ramo do comércio. Revelando caráter empreendedor e espírito de liderança, envolveu-se não apenas na indústria, mas também na agricultura criando, organizando e constituindo sociedades fundamentais para a expansão e o desenvolvimento econômico de toda a região da Alta Araraquarense. Entre elas o Cotonifício Rio Preto S/A "empreendimento de grande vulto que é a mais notável manufatura rio-pretense, obra reveladora sobretudo de notável coragem de realizar", como ressaltou "A Notícia".

Mas havia também o Murchid cidadão bem-quisto pela comunidade por suas iniciativas e atuações sociais. Durante muitos anos foi



Dona Geny Guraib Homsí foi notável exemplo feminino a ser seguido

tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia - além de membro da Mesa Administrativa da entidade - e por três vezes esteve como presidente do Clube Monte Líbano, tornando-se finalmente seu presidente de honra.

Foi casado com Geny Guraib Homsí e tiveram três filhos: José Roberto, Milton Luiz e Carlos Alberto. O amor pelas duas pátrias também era uma característica bastante conhecida de Murchid Homsí. Naturalizou-se cidadão brasileiro e recebeu o título de cônsul honorário do Líbano em São José do Rio Preto, por decreto assinado pelo presidente libanês Camille Chamoun, e Juscelino



Dona Geny Guraib Homsy, primeira à direita, com seus irmãos Samyr, Aref e Najla Guraib

Kubistchek, na época presidente do Brasil.

É preciso salientar a presença de sua mulher, Geny, sempre ao seu lado e igualmente com papel relevante na vida rio-pretense. Destacou-se, sobretudo, como presidente da Associação de São José, da Catedral e da LBA (entre 1951 e 1956).

Ela conheceu o marido em 1928, durante uma festa em Araraquara, onde vivia sua irmã, Najla. O casal se tornou conhecido em Rio Preto como anfitriões de primeira linha, sempre tendo a casa aberta para receber não só amigos e familiares, mas também autoridades de passagem pela cidade. Foi assim com o presidente Jânio Quadros e família, o arcebispo dom Helder Câmara, o empresário Carlos Jafet e os cônsules do Líbano, Naim Amiouni e Fares Ragi. Nos anos 1930, dona Geny liderou um grupo de mulheres que vendeu a rifa de um carro - comprado pelo marido, Murchid - a fim de angariar dinheiro para comprar um imóvel, na rua Siqueira Campos, e ali instalar o Clube Monte Líbano, na época chamado Coligação Libanesa. Nos anos 1970, já viúva, contribuiu para a construção da nova Catedral, ao lado de Amélia Siqueira e Jandira Machado. Dona Geny Guraib Homsy, morreu em 1991, aos 79 anos, por complicações devido a uma queda nas escadarias de sua amada Catedral. E hoje estará feliz por ter hospedado em sua casa dom Helder Câmara,

atualmente em processo de canonização no Vaticano.

O nome de Murchid Homsy está devidamente eternizado na avenida da cidade e faz parte do livro "Quem Faz História em São José do Rio Preto", do historiador Lelé Arantes, lançado durante as comemorações do aniversário da cidade. ■

**“Um dos mais prósperos homens de negócio da região, empresário que acumulava o mais alto cargo em diversos empreendimentos e cidadão fidalgo generoso, conhecido pelo trabalho social e de benemerências”**



Murchid e Geny Homsy, anfitriões renomados em São José do Rio Preto

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# UM CORAÇÃO MAIOR QUE A CIDADE



Saad Abdalla Gattaz e a mulher, Célia Estrella, visitam a casa da família em Hasbaia, Líbano, em 1961

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Ele nasceu em Catanduva e passou seus últimos anos em São José do Rio Preto, mas a cidade de seu coração era mesmo Monte Aprazível. Depois da família, este foi o maior amor de Saad Abdalla Gattaz. Como contou sua esposa, Célia Estrella Gattaz, à Carta do Líbano



Saad e Célia Estrella com os filhos Maurício, Ricardo e Eduardo

**M**onte Aprazível, é cidade vizinha a São José do Rio Preto e foi lá que, durante 50 anos, Saad Abdalla Gattaz dedicou-se a intenso trabalho social que marcou a história do lugar. Sempre atento às necessidades da população, o empresário esteve envolvido em várias ações nos setores da Saúde e Educação. Inclusive como político, sendo eleito vereador e deixando uma extensa folha de serviços em prol da comunidade.

Filho de Faride Saba e Abdalla Saad, ele nasceu em 20 de novembro de 1921, em Catanduva, interior de São Paulo, e com apenas um ano foi morar na cidade que amou pelo resto da vida, onde realizou sua missão como pai de família, trabalhador e homem público respeitado por todos. Saad teve mais quatro irmãos, que se dedicaram à agricultura, tornaram-se prósperos fazendeiros com plantações de milho, arroz e feijão.

Saad Abdalla Gattaz conheceu a mulher que viria a ser sua esposa e companheira de vida quando ela ainda era menina e estudava em colégio interno na capital Paulista. Na época, Célia Estrella - filha de Andreлина Cabral e Basileu Estrella - passava as férias escolares em Monte Aprazível. O casamento

aconteceu em 1948, quando ele tinha 27 anos e ela 19. Tiveram 3 filhos: Ricardo, Eduardo e Maurício.

“Minha sogra era muito culta, uma pessoa maravilhosa. A família era bastante unida”, recorda-se hoje com carinho dona Célia Gattaz, ao falar dos sogros libaneses. Conta que o sr. Abdalla os visitava com frequência, pois moravam perto uns dos outros: “Para todo libanês, a família vem em primeiro lugar”, atesta.

Outra recordação que dona Célia guarda com carinho é a viagem de volta o mundo - durante quatro meses - que fez com o marido, os cunhados e suas esposas, em 1961, quando foi apresentada ao Líbano. “Um local acolhedor. Era tão pacífico, que as joias eram vendidas na calçada”, conta. Durante uma semana visitaram várias cidades, inclusive o lugar onde a família de Saad viveu. Também foram a Damasco, na Síria, ao Marrocos, ao Egito e outros locais do Oriente Médio. “A beleza das cidades me chamou a atenção, mas o que mais me impressionou foi a amabilidade e a gentileza dos libaneses, que tratam muito bem os estrangeiros”, elogia.

## A COMUNIDADE EM PRIMEIRO LUGAR

Entre os fatos marcantes da trajetória de benemerência de Saad Abdalla Gattaz está a Santa Casa de Misericórdia de Monte Aprazível, inaugurada

em 1954, que teve seu sogro, Basileu Estrella, como um dos responsáveis pela construção. Saad foi o primeiro provedor da instituição, ocupando o cargo por 15 anos. Sua preocupação principal era o interesse público, da comunidade a ser servida, dedicando-se à ampliação e equipamento das dependências do hospital.

Ao lado do sogro, Saad contribuiu para a construção de obras importantes, com o objetivo de atender a população e alavancar o progresso da cidade. Empenhou-se na construção do Ginásio e Internato Dom Bosco, da Igreja Matriz, do Asilo dos Velhinhos, do Campo de Aviação - um dos primeiros no interior paulista - do Clube e do Velório municipais.

Bacharel em Direito pela faculdade de Direito do Triângulo Mineiro, ele trabalhou como Oficial de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos, e foi Escrivão do Júri e da Corregedoria permanente da Comarca de Monte Aprazível. Na política, elegeu-se vereador, deixando vasta folha de serviços prestados à comunidade., chegando a presidente do diretório do PDS de sua cidade.

Infelizmente, em 1973 Saad Gattaz teve de deixar sua amada Monte Aprazível. Seus filhos Ricardo - morto no ano passado - Eduardo e Maurício precisavam avançar nos estudos e a família se transferiu para São José do Rio Preto. Seguindo carreiras em Agronomia e Engenharia, os rapazes também estudaram em São Paulo e nos EUA. E com os filhos crescidos, Célia decidiu voltar aos estudos, ingressando nos cursos de Direito e Administração de Empresas.

Hoje, a família Gattaz conta com sete netos e quatro bisnetos de Célia e Saad: “E eles são muito unidos e sempre nos reunimos para o almoço na segunda-feira”, diz muito orgulhosa a avó e bisavó.

### A NETA CAMPEÃ

Entre os netos do casal Celia e Saad Gattaz está Caroline de Oliveira Saad Gattaz, mais conhecida como Carol Gattaz, meio de rede da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei - onde atua desde 1999, tendo conquistado inúmeros títulos, como o World Grand Prix, por cinco vezes. “Minha profissão me proporcionou conhecer vários lugares interessantes como o Vietnã, as Filipinas e Coréia”, diz a atleta. Carol também já competiu no Japão e na China, além de ter jogado durante uma temporada na Itália, participando de dois dos mais importantes certames mundiais: Champions League Europe e Campeonato Italiano. Atualmente no time feminino de vôlei do Minas, da central rio-pretense, Carol Gattaz segue se preparando para o início de uma série de competições para a temporada 2019/2020.

Depois de dez anos vivendo em São José do Rio Preto, onde também se notabilizou pelos trabalhos em prol da comunidade, Saad Gattaz morreu em 16 de junho de 1984, vítima de câncer, aos 64 anos. Em Monte Aprazível a notícia do falecimento causou forte impacto e motivou inúmeras homenagens, a começar pela Moção de Pesar da Câmara Municipal. Em Rio Preto, uma rua recebeu seu nome no Distrito Industrial e, no ano de 2006, foi a vez de um dos acessos da cidade ser batizado com o mesmo nome. Finalmente, no Km 473 da Rodovia Feliciano Sales Cunha, a SP-310, no trevo principal do município de Monte Aprazível, hoje se encontra o Viaduto Saad Abdalla Gattaz.

Dona Celia resume a filosofia de vida do marido com o lema que ele usava em seu trabalho social junto ao Rotary Clube: “Dar de si sem pensar em si”. ■

“Entre os fatos marcantes da trajetória de benemerência de Saad Abdalla Gattaz está a Santa Casa de Misericórdia de Monte Aprazível, inaugurada em 1954”



No sentido horário: Célia Estrella e Saad Gattaz; a neta Carol Gattaz - meio de rede da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei - e Maurício Saad Gattaz com as filhas Marcela, Renata e Carol



ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# UM HOMEM CELEBRE

Wilson Romano Calil, personagem muito importante na história de Rio Preto



FOTO: TV TEM

Ele sempre esteve à frente de seu tempo. Escritor, orador, médico, jornalista, advogado e político, Wilson Romano Calil é reconhecido, sobretudo, por seu comprometimento com a ética e o respeito ao próximo



Wilson Romano Calil em vigília na Câmara Municipal do Rio Preto acompanhando a votação, direto de Brasília, do colegiado que elegeu Tancredo Neves presidente do Brasil, em janeiro de 1985

FOTO: TONINHO CURY

O relato a seguir foi feito pela filha de Wilson Romano Calil, a oftalmologista Clícia Romano Calil, para o editor de Carta do Líbano, em visita a São José do Rio Preto.

Descendente de libaneses, ele nasceu em Nova Granada, no interior de São Paulo, em 1932. Depois mudou-se para Onda Verde, também no interior paulista, onde conviveu com colônias de imigrantes árabes e japoneses. Lá, aprendeu a falar japonês fluentemente, o que acabaria sendo decisivo em seu futuro político. Também falava muito sobre o Líbano, mesmo sem conhecer - falava através das histórias que ouvira do pai, e chegou a se emocionar, certa vez, ao ver um vídeo sobre o país que representava suas origens.

Mais tarde, foi estudar em Bebedouro e conseguiu ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em sétimo lugar. Nesse período, tornou-se líder da União Nacional dos Estudantes (UNE), conciliando a

atividade política com o trabalho de plantonista no Hospital Souza Aguiar. Chegou a ser considerado um dos maiores oradores do Estado do Rio de Janeiro e, graças a esse talento, acabou sendo chamado para dar aula de oratória em uma faculdade de Direito.

Sofreu uma grande perda em 1958, com o falecimento do pai: "Foi um dos fatos mais tristes de sua vida, porque a ligação dele com o pai era muito forte, o que ele mais prezava na vida", conta Clícia. Marcado pelo acontecimento, Calil fez um discurso memorável como orador da turma de formandos em Medicina. A emoção provocada pela fala foi tão grande que ele demorou duas horas para sair do teatro devido à quantidade de pessoas querendo cumprimentá-lo. "Durante o discurso, ele se ajoelhou e começou a falar com seu pai", diz a filha. Infelizmente, na época não havia como registrar o momento - como se faz hoje em dia - porém que teve a oportunidade de ouvi-lo nunca mais esqueceu.

O início da vida como médico foi no Rio de Janeiro, mas em função da promessa feita ao pai - que



A oftalmologista  
Clicia Romano Calil

iria cuidar dos irmãos retornou a São José do Rio Preto. Trabalhou na Santa Casa, montou consultório próprio no centro da cidade e começou a atender no Pronto Socorro, em tempo quando havia apenas uma ambulância para a região inteira. A filha ressalta que seu pai “chegou a trabalhar praticamente de graça, para construir a Beneficência Portuguesa”.

### NA TV COM SILVIO SANTOS

Em 1970 - já casado com Tereza Cristina, Calil foi apanhado pela fama além da sua profissão. Havia então uma atração de grande audiência na TV, o game show “Cidade Contra Cidade”, quadro do sempre popular “Programa Silvio Santos”, ainda transmitido pela Rede Globo. A competição era acirrada e mobilizava os habitantes dos municípios em disputa. O médico, personalidade de renome em São José, aceitou participar enfrentando alguém da cidade rival. Como relata sua filha: “Para derrubá-lo, colocaram uma pessoa que falava japonês. Meu pai não só respondeu perfeitamente como mostrou que o outro não conhecia o idioma assim tão bem”. Ao retornar à cidade, Calil se viu transformado em celebridade instantânea, atraindo uma multidão que queria vê-lo de perto e engarrafando o trânsito.

O episódio na TV foi decisivo para lançar sua

candidatura à Prefeitura de São José. “O ‘Cidade Contra Cidade’ foi a campanha dele”, reconhece Cílicia. Nas palavras dela, Calil se destacava pelo idealismo, honestidade e sua defesa dos pobres. Grande exemplo disso foi o empenho com que ele se dedicou à construção do Viaduto Jordão Reis, ligando as duas partes da cidade. Como prefeito, ele fiscalizava pessoalmente as obras para certificar-se que tudo estava sendo feito com esmero e presteza. Para a construção, chegou mesmo a desapropriar terras da própria família: “Nunca quis economizar quando se tratava de ajudar a população, a comunidade. Seja na merenda escolar, na Santa Casa, nas estradas, nas piscinas públicas ou ao trazer uma empresa internacional para a cidade e refazer a antiga Catedral, que corria o risco de desabar”, enumera Cílicia. E, mesmo prefeito, continuava dando expediente como médico.

### MÉDICO PREFEITO

Outra história que remonta à sua gestão é a da escada magirus, instrumento indispensável para o Corpo de Bombeiros no combate a incêndios em edifícios. Como a cidade não contava com uma, Calil comprou a escada, tornando-se fiador da Prefeitura para garantir a aquisição.

A casa dos Calil era ponto de encontro de personalidades dos altos círculos político e empresarial, como Paulo Maluf e Antônio Ermírio de Moraes. “Antônio Ermírio era uma pessoa muito simples, para alguém com tanto dinheiro. Falava baixo, pedia licença. Ele e meu pai tinham a mesma simplicidade”, recorda Cílicia. Ela também se lembra das muitas palestras ministradas pelo pai, como quando falou na Loja Maçônica - só não aceitou o convite para ingressar na Maçonaria por total falta de tempo. “Era prefeitura, consultório, fazenda, família”, destaca a filha.

Quando era prefeito, Wilson e Tereza Cristina já tinham três filhas: Cílicia, Cristiana, Tais. Dez anos depois viria um filho, Wilson Romano Calil Filho. “Eu era muito arteira”, conta a primogênita. “Acompanhava meu pai por toda parte. Levantava o saiote das freiras, fugia quando diziam que iam dar ‘um beijo na filha do prefeito’ e gostava de ir ao Kiberama, brincar com o seu Salim”. Wilson Calil era muito ligado à família e à cultura. “Meu pai era o centro da família”, diz saudosa.

“Acima de tudo, Calil era um perfeccionista: ‘Tudo o que ele fazia não podia ser mais ou menos, tinha de ser o melhor. E sem passar por cima de ninguém’”

Todos recorriam a Calil e ele nunca reclamou disso, pois gostava de ver que as pessoas estavam bem. Era um homem de pouca vaidade e prazeres simples, como pescar, ler, ouvir Bossa Nova e pesquisar sobre aves e pedras preciosas. Seus autores favoritos eram Ruy Barbosa e Gibran Khalil Gibran, além de sempre ler a Bíblia, o Alcorão e os escritos de Chico Xavier. “Ele respeitava todas as religiões”, ressalta a filha.

### O EXERCÍCIO DO BEM

Acima de tudo, Calil era um perfeccionista: “Tudo o que ele fazia não podia ser mais ou menos, tinha de ser o melhor. E sem passar por cima de ninguém”, orgulha-se. Chegou a escrever três livros, um romance sobre um justiceiro do interior, outro sobre o governo de Mauro Borges - que foi governador de Goiás - e um volume sobre técnicas de oratória, seu dom natural sobre a qual deu vários cursos, e um traço marcante de sua personalidade. Cílicia observa que onde quer que seu pai fosse, “todos queriam se sentar perto dele e conversar”.

Depois da passagem pela prefeitura de São José do Rio Preto, Calil se candidatou a deputado estadual, mas não se elegeu e decidiu abandonar a vida pública. Além da Medicina, passou a se dedicar aos estudos: ingressou na faculdade de Direito. Atuava como médico e advogado e, como uma das filhas também se formou em Direito, chegaram a trabalhar juntos em alguns casos.

Uma constante na vida de Calil era estar sempre pronto para auxiliar as pessoas. Durante uma viagem a Brasília, um parente sofreu um mal súbito e o

médico conseguiu ressuscitá-lo, depois de meia hora de massagem cardíaca. Em outra ocasião, ele atendeu as vítimas de um acidente de carro e chegou a virar um automóvel capotado, com ajuda de outros presentes no momento. Também atendeu uma criança ferida gravemente, em um acidente de caminhão, aguardando a chegada da ambulância. “Ele fazia coisas heroicas”, diz Cílicia. “Pena que ele não era eterno”.

### “E TENHO DITO!”

Quando o pai ficou mais velho, Cílicia passou a ajudá-lo no atendimento médico, chegando a operar com ele. Porém, mais do que o legado da Medicina, ela e os irmãos tiveram no pai um exemplo de compromisso, honestidade e desapego das coisas materiais. “Estude, porque você é mulher e para as mulheres a vida é um pouco mais difícil. Estude porque assim você só vai depender de você mesma”, aconselhou a filha.

Em seu ato final, Calil tornou-se comunicador. Convidado pela TV TEM, afiliada da Rede Globo no noroeste paulista, passou a ser comentarista político. Apresentava-se ao vivo, aos sábados, encerrando os comentários com um bordão que pegou: “E tenho dito!”. Ao circular por São José, as pessoas o paravam e saudavam: “E tenho dito!”.

Cílicia lembra que o pai “entendia de tudo e não tinha preconceito com nada, nem com ninguém, não fazia distinção de classe social, cor ou gênero”. Costumava dizer que somos todos iguais e, portanto, todos deveriam ter os mesmos direitos”. Terminou um de seus discursos assim: “Quem tomba em glória, cai nos braços da história, no coração do Brasil”.

Wilson Romano Calil morreu na noite de 12 de dezembro de 2018. “Durante o velório dele aconteceu algo que me emocionou muito, conta Cílicia. “Ele havia feito a APAE Rural, para acolher as crianças com deficiência mental quando seus pais morressem, e hoje quem cuida da entidade é Valdir Nonato, da ótica Rio Preto. Naquele dia, Valdir levou as crianças da APAE, que fizeram uma roda em torno do caixão, emocionando a todos”. Ela conclui, dizendo que quando alguém faz um bem para uma comunidade e é reconhecido pela população, esse alguém é tido como um mahatma e é com esse orgulho e com esse carinho que vê homem que fez história em São José do Rio Preto. Wilson Romano Calil descansa no cemitério Jardim da Paz. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# SOB A PROTEÇÃO DE SÃO JÓRGE



Padre Nicolas Ferzly dirige a Igreja Ortodoxa São Jorge, em São José do Rio Preto, desde 1981

FOTO: FOUAD NAIME

Em quase 90 anos de história, a Igreja Ortodoxa Antioquina de São Jorge, em Rio Preto, movimentou a comunidade árabe e prestou serviços à população como um todo. Hoje, dirigida pelo padre Nicolas Ferzly, mantém sua missão de fé e caridade

**E**m uma reunião na sede da Sociedade de Jovens Syrios, em 8 de fevereiro de 1934, um grupo de imigrantes árabes decidiu arregaçar as mangas para a construção do templo da Igreja Ortodoxa, em São José do Rio Preto - o terreno já havia sido comprado, quatro anos antes. Foi formada então uma comissão integrada por Abrão Jorge, Antônio Dieb Nasser, Calil Buchalla, Elias Choeiri, Elias Mussi, José Caran Sabbagh, José Demétrio, Mançor Daud, Miguel Buchidid, Miguel Sabbagh, Moysés Miguel Haddad e Nagib Gabriel.

No dia 15 de novembro de 1936, o Conselho da Igreja Ortodoxa - presidido por Moysés Miguel Haddad - fez o lançamento da pedra fundamental. Em 5 de julho de 1947, com a presença do governador interventor de São Paulo, Adhemar de Barros, e os arcebispos dom Nifon Seba, de Zahle, Líbano, e dom Ignatios Huraik, de Hama, Síria, celebraram a cerimônia de sagração da Igreja.

Os prelados ortodoxos foram recebidos na estação da E. F. A. por um grupo numeroso, composto por integrantes da comunidade, autoridades e outros cidadãos rio-pretenses. O prefeito da Nova Aliança, Simão Daud, fez o discurso de saudação aos visitantes ilustres. Hospedados na residência do vigário ortodoxo, os prelados estiveram presentes à chegada do governador Adhemar e participaram do banquete em sua honra. Eles também foram homenageados com um banquete, na residência de Moysés Miguel Haddad.

Em 5 de junho de 1950, a Igreja Ortodoxa de São José do Rio Preto recebeu a visita do arcebispo de São Paulo, dom Ignatios Ferzly. É seu sobrinho, o padre Nicolas Ferzly, quem dirige a igreja desde 1981. Outros padres que foram párocos da igreja são Georges Assaz - nomeado em 1935 - Habib Bechara, Samuel Matta e João Eid.

O padre Nicolas Ferzly nasceu no Líbano, em 1942, e desde muito pequeno já auxiliava seu pai nos ofícios sacros, fato que o incentivou a seguir a vida religiosa. Em seu país natal ainda cursou o seminário da Academia Teológica Nossa Senhora de Balamand, tendo sido ordenado no ano de 1967 em sua cidade natal, Karaoun, no vale do Bekaa.

Ao chegar ao Brasil, assessorou seu tio, o arcebispo dom Ignatios Ferzli, em São Paulo. Em seguida foi transferido para Guaxupé, em Minas Gerais, assumindo a Paróquia de Santo Elias - a primeira igreja ortodoxa construída no Brasil, em 1896. Depois de passar um tempo no Brasil, o padre foi enviado para a África do Sul e, em seguida, para a cidade de Abdjian, capital da Costa do Marfim. Ao retornar recebeu a nomeação para São José do Rio Preto, onde permanece até hoje, atendendo igualmente a comunidade árabe e todos que procuram por seus préstimos.

Aberto à conciliação e ao diálogo com outras religiões, padre Nicolas co-celebrou, com o padre Benedito Mazeti, a primeira missa maronita na paróquia de São Benedito, em Rio Preto. Pai de três filhos e avô de sete netos, ele agora prepara-se para aposentadoria. A cidade de Rio Preto o homenageou, em 2003, na Câmara Municipal, pelo excelente trabalho realizado à frente da Igreja Ortodoxa. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# IMAGENS DA CIDADE



O empresário  
e fotógrafo  
Toninho Cury

FOTOS: ÁLBUM TONINHO CURY

Antônio José Cury registra São José do Rio Preto há mais de 40 anos e seus antepassados também estão na história do município e do Líbano



José Gabriel e Abílio Cury

Uma história recheada de imagens e de personagens. Assim é a trajetória da família Cury, narrada para a Carta do Líbano pelo fotógrafo Antônio José Cury, o Toninho Cury.

Há mais de 50 anos, os arquivos de imagens de São José do Rio Preto levam o nome do fotógrafo em seus créditos. Em seu acervo, estão mais de 4 mil imagens em negativos que contam a história da cidade e do Brasil. Ele ainda possui um vasto material em slides, negativos coloridos e digitais, que formam um arquivo histórico surpreendente. Nessas

imagens, estão cenas de política, fé, tradição, cultura, sociedade, arte, natureza e esporte dessa que é uma das cidades mais prósperas de São Paulo e de todo País.

A trajetória de Toninho com a fotografia começou nos anos 70, quando teve sua primeira máquina-fotográfica: uma Yashica. Seu mestre, o fotógrafo Nestor Brandão, proprietário da Foto Studio, tinha um equipamento igual e sentenciou: “Você gosta de fotografia? Então, você já é fotógrafo”.

E assim foi. Toninho não só é um fotógrafo, mas um profissional premiado e seu trabalho já esteve exposto em dezenas de países. Participou de

mais de 200 salões nacionais e internacionais de fotografia e acumulou prêmios como medalhas e menções honrosas. Uma de suas obras chegou a ser exposta no Musée Français de la Photographie, em Brieves, na França.

Desde 1995, ele vem se dedicando a retratar a fé dos brasileiros. Começou acompanhando Folias de Reis e viagens de romeiros e, em seus registros, estão benzedeadas e pessoas que buscam a fé nas mais diversas expressões.

### A FAMÍLIA

Mas seu vínculo com São José do Rio Preto vai além das imagens que retrata. Está na história de sua família. Toninho Cury nasceu em 25 de junho de 1953 e é neto de libaneses. Seu avô, Jorge Cury, veio de Miziara, no Líbano, e se estabeleceu no município de Palestina, em São Paulo, que tinha uma comunidade árabe muito grande. Na época, o trem também era algo importante e havia uma linha em São José do Rio Preto, um ponto de partida para bons negócios, que representavam um centro comercial bem mais próspero que Palestina. Então, por volta de 1924, ele e outros membros da família mudaram-se para São José do Rio Preto e fizeram a vida na cidade. Mais tarde, vieram para o Brasil também a esposa Ana Jorge Cury, Gabriel Jorge Cury, pai de Toninho e as irmãs Amélia, Adélia e Caraj. E, depois, ainda veio para o Brasil o irmão Abílio Jorge Cury. Por aqui, nasceu também José Jorge Cury, tio de Toninho, que veio a ser um importante deputado estadual, falecido há mais de 30 anos.

Toninho reconta as histórias de sua família, mas não chegou a conhecer seu avô, que faleceu no

mesmo ano em que ele nasceu. “Sei que Jorge Cury era reconhecido como um homem muito sério e trabalhador”, destaca.

Já sobre seu pai, Gabriel Jorge Cury, há muitas histórias para contar. Quando ele chegou, aos 16 anos, no Brasil, foi morar no bairro do Jardim, na cidade de Palestina. “No começo, ele não sabia falar português e pedir serviço. Então, ele acabou trabalhando em circo, dando banho em elefante por quase um ano”, relata. “Depois, começou a vender cereais, milho, arroz, feijão e foi para o ramo de algodão, que foi decisivo para que ele desenvolvesse um grande patrimônio”, revela Toninho. O algodão acabou sendo um caminho de progresso para a família, com o qual também trabalharam os irmãos Abílio e José Jorge. “A família foi pioneira, faz parte da história da cidade com o comércio de algodão”, resume Antônio.

E as origens de Toninho também estão na cidade de Catanduva. Foi lá, em um casamento, que Gabriel, seu pai, conheceu Henriqueta Cesário Cury, sua mãe, com quem veio a se casar em 1941. Mais tarde, em 1953, nasceria Antônio José Cury, que viria a ser o narrador da história da família e o fotógrafo que registraria os fatos da cidade.

Da família, dos tios e primos, vieram ainda advogados, médicos, professores e outros profissionais que estão nas raízes do desenvolvimento de São José do Rio Preto. “Agora, os destinos mudaram. A família não ficou mais no ramo de algodão. Estamos na parte imobiliária, médica e de direito. Essa geração nova da família está mudando os rumos”, comenta. Mas as sementes plantadas por Jorge Cury no início do século passado continuam dando frutos na cidade. ■

“Toninho é um profissional premiado e seu trabalho já esteve exposto em dezenas de países. Participou de mais de 200 salões nacionais e internacionais de fotografia”



No sentido horário: o casamento de Gabriel e Henriqueta Cury, em 1941; Gabriel Jorge Cury e Jorge Cury, natural de Miziara, norte do Líbano

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# SALIM, O REI DA COMIDA ARABE



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Hayssam Mohamad Akad, fundou, há mais de 50 anos o restaurante Kiberama, uma marca da boa gastronomia e tradição na cidade



Hayssam Mohamad Akad chegou ao Brasil em 1964. Começou a vida no país trabalhando no tradicional restaurante Almanara, em São Paulo. Na página ao lado, o casal Hayssam e Jamile com os filhos, Samera, Hayle, Najla e Hayssam

**U**m dos locais mais queridos de São José do Rio Preto - e marco da história recente da cidade - é o restaurante inaugurado em 1966 por Hayssam Mohamad Akad, um sírio nascido em Damasco, carinhosamente conhecido como Salim. Seu Kiberama é uma verdadeira instituição riopretense e sinônimo da cozinha árabe na região.

Além do endereço original, na rua Bernardino de Campos, a marca Kiberama também está presente no Riopreto Shopping. Diariamente, são comercializadas centenas de quibes, esfihas e outras delícias da culinária árabe, em um dos ambientes mais tradicionais, conhecido pela qualidade gastronômica pela bela arquitetura.

## QUASE SOLDADO

A história desse estabelecimento tem a ver com uma fuga. Hayssam Mohamad Akad morava em Damasco, mas não queria prestar o serviço militar obrigatório, aos 18 anos. Dois de seus irmãos haviam morrido em guerras na Palestina, enquanto estavam servindo o Exército. Para evitar a obrigação que poderia levá-lo à morte, Hayssam fugiu do país

Com um pouco de dinheiro que havia guardado, ele comprou passagem, tirou passaporte, conseguiu o visto e partiu. Era 1964 e navio em que embarcou o trouxe para o Brasil, então o único país do mundo que estava aceitando imigrantes. Não havia outra opção. Era um navio italiano, que antes passou por Nápoles e Gênova - onde ficou sabendo que no Brasil conseguiria um visto de permanência. Apesar de não conhecer ninguém a bordo, todos falavam árabe e ele

conheceu alguns passageiros que já haviam morado no Brasil e lhe ensinaram palavras em português - para que ele pudesse se comunicar para necessidades básicas, como comer, beber e conseguir um lugar para dormir.

Desembarcou em Santos, uma terra estranha onde os comerciantes lhe recomendaram ir para São Paulo, onde encontraria outros árabes que o iriam ajudar com o idioma e com trabalho. Seguiu de trem para a capital paulista, munido com dois ou três endereços de referência, como a rua 25 de Março, a rua Cantareira e a rua Carlos de Souza Nazaré, onde se concentrava a comunidade árabe.

Antes, ele havia recebido uma recomendação: “Você trabalha em restaurante para pegar o jeito e depois você vê o que faz”, recorda-se hoje Salim. Foi assim que chegou ao tradicional restaurante Almanara. “O dono, Sarkis Mouawad, era uma pessoa cem por cento. Eu me apresentei, disse que era da Síria, que não sabia falar português, o dinheiro estava acabando e precisava trabalhar”, relata. “Você está no lugar certo”, disse-lhe Mouawad. Assim começou sua vida no Brasil e a trajetória pela culinária árabe.

Também em São Paulo, Hayssam ganhou o apelido de Salim. “Eu cheguei e as pessoas não sabiam pronunciar o meu nome. Então, me chamavam de ‘turco’, ‘turquinho’. Até que um mineiro sugeriu Salim, que significa ‘perfeito, honesto’, e eu gostei”, conta.

Hayssam acabou morando em um apartamento ao lado do restaurante, que pertencia ao próprio dono do Almanara. “Ele deu a chave para eu ficar lá. Tinha sofá, fogão. Fiquei quase dois anos ali, aprendi o português, trabalhei, fiz tudo”, diz Salim. Na época, também fez amizades e começou a frequentar vários clubes da comunidade, como o Monte Líbano e o Sírio. Alguns desses amigos começaram a formar um conjunto folclórico libanês. Eles frequentavam a Igreja Maronita, saíam e viajavam juntos. “Gostavam muito de mim, porque eu animava a turma”, recorda.

Na época, Hayssam começou a pensar em montar um negócio próprio, para não ter mais que trabalhar para os outros. Um amigo, então, sugeriu que ele fosse para o interior, onde havia espaços para empreender e diversas famílias de origem árabe, síria, libanesa e, com o tempo, poderia conhecer uma moça bonita para casar e fazer a vida.

## CASAMENTO COM A GAROTA MAIS BONITA

Decidiu, então, que deveria se mudar para São José do Rio Preto. Na cidade, encontrou um ponto de um patricio que havia tido um restaurante, mas não prosperou. “Negociei com ele, comprei uma parte de participação e peguei um apartamento para mim. Comecei a fazer o que aprendi em São Paulo e o negócio deu certo”, comemora.

Desde 1966, Hayssam, é conhecido como o Salim do Kiberama. “É a minha menina dos olhos”, confessa. Na época, passou a frequentar o Clube Monte Líbano da cidade e lá conheceu três garotas. “Escolhi a mais bonita, a Jamile. Namorei, me casei e hoje temos quatro filhos, uma arquiteta e outros três que trabalham comigo, além de três netos”, orgulha-se. Atualmente os restaurantes são tocados pelos filhos e estão indo muito bem, obrigado.

Salim é um homem de bom relacionamento com a comunidade, com os amigos, com a família. “Não discuto com ninguém sobre política, religião, quero salvar o meu nome e dos meus filhos”, aconselha. Ele foi presidente do Rotary Club e conselheiro do Clube Monte Líbano.

A família Akad é reconhecida pelo trabalho e pela dignidade. Recentemente, em uma entrevista para a TV Tem - afiliada local da Rede Globo - Salim revelou o que está por trás do sucesso de um imigrante: “Trabalho, trabalho e trabalho. Não pode deixar de trabalhar, porque o que você planta, você colhe”. Simples assim.

“Salim é um homem de bom relacionamento com a comunidade, com os amigos, com a família. ‘Não discuto com ninguém sobre política e religião’”



Hayssam participou do conjunto folclórico libanês dirigido na época pelo padre maronita, Paul Joseph Joubeir. Abaixo, o salão do restaurante Kiberama



## COMO MANTER UM CLÁSSICO

Com mais de 50 anos, o Kiberama tem seu nome originado na Meca da Arábia Saudita. A cobertura que fica em cima chama “rama”. E um dos pratos mais conhecidos da culinária árabe é o “kibe”.

Com serviço impecável e pratos reconhecidos, Salim já chegou a receber propostas para abrir franquias na capital paulista, mas preferiu continuar como está. “Em time que está ganhando não se mexe”, acredita. Para ele, o importante é estar sempre por perto para atender os clientes, na cozinha, no balcão, no serviço. “O mais difícil não é montar. É manter. Brasileiros gostam de comida árabe, gostam de ser bem atendidos e de um preço razoável”, ensina.

Durante o almoço, o restaurante serve em sistema de buffet e recebe um público variado, de pessoas que trabalham no entorno. À noite, o forte são as entregas. “Servimos cerca de 30 pratos árabes, mas temos cinco de comida brasileira, que a clientela gosta e assim agradamos a todos. Não faço feijoada, por causa da carne de porco, mas faço rabada, que é um prato muito apreciado por aqui”, revela.

“É preciso manter a qualidade dos pratos frios e quentes e todo dia mudamos uns três ou quatro pratos. Os brasileiros gostam de abobrinha recheada, charutinho de repolho e lentilha com arroz”. E o sucesso do cardápio vai além, com as especialidades árabes também servidas em festas, casamentos e aniversários.

Apesar da felicidade e prosperidade conquistadas no Brasil, Salim não perdeu os vínculos com sua terra natal. “Fui a Damasco umas cinco ou seis vezes. Sou naturalizado brasileiro, mas não tenho problema para ir lá”, avisa. “Damasco é a cidade mais antiga do mundo e é linda. Tem mesquitas, igrejas, uma rua onde se encontra de tudo. Eu tenho vontade sempre de frequentar e levar a minha família para lá. Damasco é família. Está no sangue. Tenho uns 50 sobrinhos vivendo lá e, quando vou, é uma festa para todo mundo”, relata. Em uma das visitas, Salim fechou um restaurante para uma grande confraternização em família. “Foram mais de 150 pessoas, sobrinhos, cônjuges, filhos. Foi o dia mais feliz da minha vida”, conclui. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# TAREK SARROUT ALMA COSMOPOLITA



O empresário  
Tarek Sarrouit

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Um libanês-brasileiro que carrega o espírito nômade dos Fenícios e o legado de um pai cidadão do mundo. Por tudo isso, tornou-se um rio-pretense de coração muito querido pela comunidade

**P**ode-se dizer que Tarek Sartout é brasileiro por vias tortas. A trajetória de seus antepassados, até o seu nascimento - em Beirute, no Líbano, em 1949 - é digno de roteiro de filme de aventura da velha Hollywood ou de um conto das Mil e Uma Noites - para ficarmos no registro do Oriente Médio.

O périplo entre Líbano, Brasil e África começou com o avô materno, Melhem Fatarone, que seguiu o destino dos imigrantes no início do século passado e acabou desembarcando por aqui. Jovem, conheceu, se apaixonou e se casou com a brasileira Otilia e tiveram uma filha, batizada com o brasileiríssimo nome de Ubaldina. A vida era boa na nova terra, mas um dia, saudoso da família, Melhem embarcou em um navio com mulher e filha rumo à pátria de origem. Quando estavam prestes a voltar foram apanhados por uma armadilha do destino: uma disputa política entre famílias, na cidade onde Melhem nasceu, o colocou no cargo de prefeito durante os próximos três anos.

Quando finalmente pode sair do país, a filha Ubaldina decidiu permanecer no Líbano, onde conhecera um parente, Ahmad Toufic Sarout, com quem se casaria. Tampouco Melhem e Otilia vieram direto para o Brasil, pois ele optou por tentar a vida na África, a princípio na Costa do Marfim e, em seguida, no Senegal. Retornaram apenas durante a II Guerra, um tempo difícil para os estrangeiros conseguirem vistos para o Brasil.

As coisas não foram menos complicadas para Ubaldina e Ahmad. Apesar de ficarem noivos em 1937, só se casariam dez anos depois, pois durante a Guerra ela voltou sozinha para o Brasil. Finalmente casados, tiveram o primeiro filho, Khaled, em 1948 quando

**“Tarek é conhecido na cidade como proprietário do Café Conte, célebre ponto de encontro de políticos e intelectuais rio-pretenses”**



Tarek recebe homenagem na Câmara Municipal por iniciativa do vereador Renato Pupo

estavam vivendo no Senegal. Um ano depois, quando estavam em viagem de férias no Líbano, nasceu Tarek. Em uma outra temporada de férias, dessa vez no Brasil, o casal teve outra filha, Zuleika. A ela se seguiram Mouna e Melhem - conhecido como Mino.

Até a família se estabelecer definitivamente no Brasil, em 1966 - na cidade de São José do Rio Preto - Ahmed, que era um cidadão cosmopolita - fluente em árabe, francês e português - ainda peregrinou pela Argentina e pelo Chile. Tarek, que havia passado a infância na África e no Líbano, se estabeleceu em Rio Preto e, em 1976, casou-se com Maria José Fernandes e tiveram três filhos: Taoufic, Amira e Omar. Empresário formado em Administração de empresas, ele criou a Invicta Brasil, de importação e exportação com foco no Oriente Médio.

Mas foi sua visão cosmopolita de mundo que o tornou conhecido na cidade como proprietário do Café Conte, célebre ponto de encontro de políticos e intelectuais rio-pretenses. Por conta dessa clientela formada por “pensadores”, o estabelecimento foi popularmente batizado “Senadinho”.

Não poderia ser diferente, já que Tarek conhece 70 países, é homem culto e um verdadeiro gourmet. Além de também ser conhecido por seu trabalho social em obras assistenciais do Rotary Alvorada, do qual foi presidente. Em 2016, durante sessão solene na Câmara Municipal da cidade, ele recebeu a Medalha do Brasão do Município e o Diploma de Comendador da Ordem Municipal do Brasão - por iniciativa do vereador Renato Pupo.

Esse descendente de libaneses, que preza as raízes da comunidade árabe de Rio Preto, organizou a construção de um monumento aos imigrantes que tanto contribuíram para o progresso da cidade. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# IRMÃOS MUANIS OS DONOS DA NOTICIA



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

A família Muanis é sinônimo de comunicação em São José do Rio Preto. Conhecidos em toda a região, os irmãos Adib Abdo, César e Rubens Muanis deixaram sua marca nas emissoras de rádio e TV e nos jornais da cidade. Legado que hoje prossegue com Adib Muanis Junior



Adib Muanis, Albertina  
Batista e Doris  
Monteiro, em 1955

**O**s irmãos Adib Abdo, Rubens e César Muanis marcaram presença em Rio Preto como grandes comunicadores. Eles atuaram nos principais veículos de comunicação do município, no rádio, TV e jornais. Seguindo os passos da família, Adib Abdo Muanis Junior, o Adibinho, passou por várias emissoras televisivas e hoje se destaca no SBT. Em encontro com o jornalista Rubens Muanis, a reportagem de Carta do Líbano conheceu um pouco mais sobre essa família de comunicadores de origem libanesa e como o patriarca do clã chegou ao Brasil.

Abdo Muanis desembarcou no Rio de Janeiro aos 14 anos, acompanhando pelo primo José Muanis. “Inicialmente eles ficaram no Rio e, sem seguida, meu pai seguiu para Ponte Nova, em Minas Gerais, onde conheceu minha mãe, Abla Calil, também originária do Líbano”, conta

Rubens. Exatamente por considerar a Zona da Mata, em Minas Gerais, com um relevo semelhante ao das montanhas no Líbano, o casal decidiu viver ali. Estabeleceram-se em Ponte Nova e tiveram dois filhos, Ibrahim e Adélia, já falecidos. Mais tarde foram para São José do Rio Preto, onde nasceram os comunicadores Adib, César e Rubens.

“Como todo imigrante libanês, meu pai teve dificuldade com o idioma, em se adaptar no país e começou a vida brasileira mascateando”, diz Rubens. “Ele não tinha uma profissão, mas uma grande vontade de abrir um jornal no Brasil. Porém era ainda muito jovem, inexperiente, sem o know-how necessário e, por isso, tornou-se comerciante”, conta. Era também um sonhador, que pouco ligava para dinheiro, e passou para os filhos o amor à família como o maior dos valores, uma característica da comunidade libanesa.

No sonho de se tornar um comunicador, Abdo influenciou muito os filhos e os viu se realizarem no métier. Adib, o mais velho dos irmãos, dedicou

## “Os irmãos Adib Abdo, Rubens e César Muanis marcaram presença em Rio Preto como grandes comunicadores nos principais veículos de comunicação do município”

37 anos ao ofício: “O rádio foi minha tribuna”, dizia o jornalista morto em 24 de maio do ano passado, deixando um grande legado e sendo uma inspiração para outros profissionais da área. Ele iniciou a carreira em 1948, na icônica PRB-8, a mais importante estação de rádio da região naqueles tempos. De lá foi para a Cultura e, em seguida, Difusora e Independência. Trabalhou nos jornais “Diário da Região” - assinado coluna sobre assuntos gerais - “Folha de Rio Preto”, “A Notícia” e “Correio da Araraquarense”. Foi proprietário do “Dia e Noite” durante seis anos.

### NAS ONDAS DO RÁDIO

Como comunicadores, os irmãos Muanis acompanharam o auge da comunidade árabe em São José do Rio Preto, nos anos 50 e 60. “As famílias libanesas tinham muito prestígio e dinheiro”, conta Rubens. “Eram nomes como Homsí, Cury, Bassitt e Haddad, que foram donos da Companhia Telefônica. A colônia era muito unida e patriótica. Foram eles que fundaram os Clubes Sírio e Monte Líbano”, lembra. Depois, entre os anos 60 e 70, houve dois prefeitos de origem árabe, ambos médicos: Lotf João Bassitt e Wilson Romano Calil.

Na época, depois de ganhar credibilidade como jornalista e experiência como comunicador de rádio, Adib criou o programa “Sonho do Oriente”, apresentando músicas árabes e poesias brasileiras. A atração era feita em dupla com David Rahd, também descendente de libaneses, que se

encarregava de traduzir árabes para o português. Uma curiosidade: “Sonho do Oriente” tinha um patrocinador japonês.

Adib Muanis fez transmissões memoráveis, como a inauguração de Brasília, o enterro do prefeito Alberto Andaló e o acidente do rio Turvo, no qual morreram 59 estudantes. “Na morte do Andaló, ele ficou no ar por quase 48 horas quase ininterruptas”, admira-se o irmão. “Era um profissional completo, único. Além de inspirar muitos que iniciavam a carreira, foi um grande descobridor de talentos”, declarou o jornalista José Luís Rey sobre Adib Muanis, no obituário do jornalista publicado no “Diário da Região”.

Outro fato memorável na trajetória de Adib foi o “Programa Fraternidade”, ligado à Campanha da Fraternidade da Igreja Católica. “Na década de 50, ele esteve à frente da Campanha, que angariava dinheiro, roupas e outras doações, enchendo um caminhão que distribuía tudo para a população. Foi um de seus maiores feitos”, ressalta o irmão.

Um grande sucesso radiofônico de Adib foi como diretor do “Clube da Cirandinha”, programa de calouros transmitido ao vivo nas manhãs de domingo, apresentado pelo irmão César Muanis. Assim como o programa que levava seu nome no título, a “Tenda do Adib”, uma revista de variedades, informação e música. Tudo isso o tornou muito famoso, tendo recebido várias homenagens, tanto do poder público quanto de instituições com forte atuação social. Abib Muanis era membro da Academia Rio-Pretense de Letras e Cultura.

## “Adib Muanis fez transmissões memoráveis, como a inauguração de Brasília, o enterro do prefeito Alberto Andaló e o acidente do rio Turvo, no qual morreram 59 estudantes”



Adibinho – Adib Muanis Filho - prossegue a tradição familiar como jornalista. Abaixo, os irmãos Rubens e Adib Muanis



### UM JOVEM COLUNISTA CHAMADO AMAURI

Falecido em 2013, César Muanis era considerado o príncipe do rádio. O pioneirismo, a generosidade e o bom-humor eram as marcas registradas do comunicador que dedicou mais de meio século ao rádio, TV e à imprensa escrita. Estreou em meados da década de 1950 na rádio PRB 8, onde assumiu o comando do “Clube da Cirandinha”. Em seguida, foi para a rádio Difusora, assumindo o colunismo social, que também era sua função no “Diário da Região”, sendo um dos responsáveis pelo lançamento de um jovem colunista chamado Amaury Júnior. “César Muanis sempre foi um cara generoso e impulsionou minha carreira. Além dos ensinamentos e do incentivo, me promovia sempre que possível. Com a ajuda dele, consegui subir no palco pela primeira vez”, revelou Amaury depois da morte do mentor.

Enquanto isso Rubens Muanis registra uma trajetória em Comunicação que passou por

vários veículos, estabelecendo forte vínculo com a comunidade rio-pretense. Radialista e jornalista, Rubens foi homenageado com o título de cidadão honorário em 1995. Durante sua longa carreira atuou como diretor-proprietário das rádios Independência AM/FM e da rádio Clube da Fronteira, em Minas Gerais, entre 1970 e 1985. Dirigiu Também a “Folha de Rio Preto”, de 1980 a 1985, e trabalhou nas rádios Onda Nova FM, Brasil Novo, Piratininga e Cultura. Foi locutor, operador de áudio, vendedor, ator, cantor, narrador, repórter e comentarista esportivo.

Coube a Adibinho, Adib Muanis Júnior, filho de Adib Muanis, prosseguir a tradição familiar. Como jornalista, trabalhou no “Dia e Noite” - jornal de propriedade de seu pai - na “Folha de Rio Preto” e no “Diário de Carajás”, além de muitos anos na TV, com destaque para a Rede Globo. Atualmente está no SBT e escreve quinzenalmente no “Diário da Região”. A voz do clã Muanis continua soando em São José do Rio Preto. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# COM A BÊNÇÃO DE NOSSA SENHORA DO LIBANO



José Jorge Bitar ao  
completar 18 anos,  
em junho de 1930

Descendente de libaneses,  
Jorge Bitar fala sobre a trajetória de sua família,  
desde a vinda de seu avô para a  
América Latina, até a instalação de uma  
paróquia Maronita em Rio Preto

**S**ão José do Rio Preto é a segunda maior cidade brasileira em concentração de imigrantes de origem árabe, perdendo apenas para a capital paulista. A história contada nas páginas desta edição de Carta do Líbano, a partir das experiências de várias famílias, guarda um capítulo especial dedicado a Jorge Bitar e seus antepassados.

Seu avô também se chamava Jorge Bitar e chegou aqui, vindo do Líbano, em 1910. Na verdade, ele queria ir para a América - que para o mundo significava Estados Unidos - mas um problema de saúde mudou o seu destino. “Quando o navio aportou em Nova York, ele estava com conjuntivite e foi impedido de desembarcar. Duas primas ficaram por lá e nunca mais tiveram contato com a família”, relata Jorge.

O avô Jorge acabou desembarcando na “Suíça da América Latina”, o Uruguai, reconhecido até hoje pelo alto nível educacional, com a menor taxa de analfabetismo da região. Na época, ele já era casado com Hanne Ibrahim Bitar, sua prima. Ela veio se juntar ao marido no Uruguai no ano seguinte e, em 1912, nasceu José Jorge Bitar, o pai do Jorge narrador dessa história. Jorge e Hanne se estabeleceram no Uruguai e tiveram mais três filhos: Santiago, Nasta e Naim, que morreu de malária aos 6 anos, quando chegou ao Brasil.

## DE TREM, DO URUGUAI A SÃO JOSÉ

A ligação de Jorge Bitar com o Brasil era o irmão Elias, coronel da Guarda Nacional. “Ele era proprietário de uma fazenda em Salto de Avanhandava, por onde o passa o rio Tietê, em José Bonifácio, que ainda não era município na época.

Virou município apenas em 1926”, recorda o neto. Uma fazenda enorme, de 5 mil alqueires. “Tio Elias vendeu 30 alqueires para um patrício, Gattaz, de Catanduva, que fez a Usina Hidrelétrica Nacional. E vendeu outros 25 alqueires para a Companhia de Força e Luz, que fez outra usina”, detalha.

Elias finalmente chamou o irmão para morar no Brasil. “Na época, meu pai estudava no Uruguai”, conta Jorge neto. “Lá todos tinham que estudar. Quando alguém faltava à aula, um policial aparecia na casa para averiguar o motivo - se estava doente - de tão rígido que era o sistema de ensino uruguaio”, admira-se. Em São José, seu pai estudou nos colégios Dom Bosco e Cardeal Leme, que existe até hoje e é reconhecido como um dos melhores da cidade.

Eles mudaram para Rio Preto em 1921, vindos de trem Uruguai. Instalaram-se na fazenda do

**“Seu avô também se chamava Jorge Bitar e chegou aqui, vindo do Líbano, em 1910. Na verdade, ele queria ir para os Estados Unidos - mas um problema de saúde mudou o seu destino”**

“Em 2005, Jorge Bitar ministrou curso de árabe para iniciantes, gratuito, resultado de uma parceria entre a Sociedade Amigos da Biblioteca de Rio Preto e a Secretaria Municipal de Cultura”

Salto, em uma casa imensa de 12 quartos, daquelas com uma varanda imensa que ocupa os quadros lados do imóvel. “Dessa casa eu só vi o alicerce, as jabuticabeiras e mangueiras que meu pai plantou, antes do local ser inundado pelas duas usinas”, conta Jorge. “Até o cemitério onde meu tio Naim estava enterrado coberto pelas águas”.

O coronel Elias possuía uma loja, um armazém, onde o irmão Jorge trabalhava vendendo mantimentos. Quando José Bonifácio já tinha se emancipado como município, em 1929, ele se mudou com a família para lá e abriu uma loja. Residiu na cidade sua morte, em 12 de maio de 1959, quando o neto Jorge tinha dois anos. “Meu avô mandou uma fotografia de quando eu nasci para os parentes uruguaiois. Eles me mostraram essa foto, escrita em árabe no verso, avisando sobre a chegada do primeiro neto”.

Depois da morte do avô, quem ficou trabalhando no negócio da família foi o pai de Jorge, junto com o tio Santiago, que vendia joias. Outro tio, Mariano, nascido no Brasil, trabalhava como gerente do banco Itaú, onde permaneceu até se aposentar. Jorge teve quatro filhos, dois homens e duas mulheres que se formaram na USP e na Unicamp, passando a morar na capital paulista. Jorge Bitar foi o único da família a permanecer em Rio Preto, já que suas irmãs, a professoras Bete, a dona de casa Marta e a funcionária pública Ana Maria ficaram em José Bonifácio.

Da avó, Hanne, Jorge lembra como uma excelente cozinheira: “Não existia a palavra árabe quando eu era pequeno. Minha avó chamava de pão sírio. Fazia uma bacia enorme de pão sírio, esfiha e kibe. Na minha casa, até hoje, existe o pilão usado pela minha avó para fazer kibe”, recorda saudoso.

#### FALANDO ÁRABE A FÉ MARONITA

Advogado e professor, Jorge Bitar teve parte de sua carreira profissional ligada ao Banespa (Banco do Estado de São Paulo), onde trabalhou entre 1988 e 2001, quando se aposentou como chefe administrativo do departamento jurídico da regional de São José do Rio Preto - quando o banco foi adquirido pelo Santander.

Mas sua vida também está ligada à Cultura e ao resgate das origens. Formado em Direito pela Fadir, em 1981, e em Letras, ele também é pós-graduado em Fundamento da Literatura Comparada e em Identidade Nacional Educação e Desenvolvimento pela Unesp. De 2001 a 2006 integrou a Sociedade Amigos da Biblioteca de Rio Preto, da qual foi presidente (2005- 2006). Muito antes disso, nos anos 1970, fundou o jornal “O Despertador”.

Em 2005, Jorge Bitar ministrou curso de árabe para iniciantes, gratuito, resultado de uma parceria entre a Sociedade Amigos da Biblioteca de Rio Preto e a Secretaria Municipal de Cultura. A iniciativa foi motivada pela comemoração dos

“Uma das maiores contribuições de Jorge Bitar para a comunidade libanesa de Rio Preto foi, sem dúvida, a postulação para a instalação de uma paróquia maronita na cidade”



FOTO: FOUAD NAIMÉ

Jorge Bitar, advogado e professor

99 anos do arquivamento de uma indicação do vereador rio-pretense capitão Porfírio Pimentel, que em seu tempo dificultou a vida dos imigrantes sírios e libaneses, proibindo-os de falar seus idiomas de origem, inclusive instituindo multa para quem não os denunciasse, caso os ouvissem falando em suas línguas nativas. Para ministrar o curso, Bitar elaborou uma tabela simplificada do alfabeto árabe, relacionando as consoantes e as vogais às letras correspondentes no alfabeto ocidental.

Porém, uma das maiores contribuições de Jorge Bitar para a comunidade libanesa de Rio Preto foi, sem dúvida, a postulação para a instalação de uma paróquia maronita na cidade. Na época, o bispo maronita dom Joseph Mahfouz foi convidado pelo Clube Monte Líbano para fazer uma visita pastoral. “Eu já conhecia dom Joseph Mahfouz e havia ido na Igreja Maronita em São Paulo”, relata.

Então, com a indicação de dom Mahfuz, bispo de São José de Rio Preto na época, o hoje Cardeal do Rio de Janeiro, dom Orani Tempesta, promulgou um decreto fundando a Paróquia

Nossa Senhora do Líbano, que deveria funcionar provisoriamente na Igreja São Benedito. O pároco da Igreja, Benedito Mazeti, viajou para São Paulo com dom Mahfouz a fim de aprender o rito maronita para fazer a consagração em aramaico, o idioma de Jesus Cristo. Ele chegou a receber uma autorização, a partir da Bula Papal, para ser bi-ritualista. Ou seja, podia celebrar a missa tanto no rito romano, quanto no rito maronita. Há cerca de um ano, no entanto, a Igreja Maronita ficou sem paróquia na cidade e as missas são celebradas nas casas dos maronitas.

José Bitar lamenta a situação, mas recorda com satisfação o dia 30 março de 2003, quando a Paróquia Nossa Senhora do Líbano foi fundada na cidade. “Havia mais de 5 mil pessoas ao redor da Catedral, que estava lotada, para assistir à celebração. O padre Benedito foi nomeado e discursou agradecendo. Também dom Orani e dom Mahfouz discursaram e o povo acompanhou, pela primeira vez, uma missa com o rito maronita em São José do Rio Preto. Foi muito bonito”, conclui orgulhoso. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# A GRANDE DAMA DA CULTURA

María José Aziz  
como delegada  
regional de Cultura  
lutou bravamente  
pela valorização  
da cultura local



FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Filha de libaneses, Maria José Aziz aprendeu com os pais a valorizar a Educação e a Cultura, fatores de transformação da sociedade, e fez disso sua missão de vida

Um dos mais importantes eventos culturais de São José do Rio Preto e da região, o Festival Internacional de Teatro, completou 50 anos em 2019. Um nome que foi decisivo para sua expansão: Maria José Aziz, a Zezé, vice-presidente do Festival evento entre 1984 e 1989, período em que também foi designada Delegada Regional de Cultura do Estado.

Zezé é filha de libaneses. Seu pai, Nicolau Aziz, nasceu em Chbanye e sua mãe, Labibe Aboujaudi, é originária de Zahle. “Vieram para cá ainda jovens, fugidos da guerra, e fizeram a vida”, diz orgulhosa. Nicolau primeiro se estabeleceu em Cedral, um município vizinho, como beneficiador e exportador de café e arroz. Proprietário de casa bancária e fazendas de café, foi um homem extremamente rico. Porém, como em sua época a comunicação era precária, só se deu conta da queda da bolsa de Nova York, em 1929, seis meses depois do colapso. “Ele até tinha saldo para se segurar e não falir, mas alguém da família, com uma procuração e plenos poderes, o fez assinar muitas letras em branco”, conta Zezé. “Então, essa reserva de capital se esvaiu e ele acabou falindo”, lamenta. Nicolau chegou a ser ameaçado de prisão e teve de se refugiar na Argentina.

Nesse período de crise, ele era casado com a primeira esposa, Angelina, mãe de oito filhos, que adoeceu vítima de um problema renal. Entre idas e vindas para São Paulo, buscando uma solução para salvar a vida da mulher, Nicolau conheceu Labibe, com quem se casou ao ficar viúvo de Angelina.

## OS DOIS CASAMENTOS DO SR. AZIZ

“Meu pai se casou com minha mãe quando ele falhou e já tinha um casal de filhos com ela”, revela Zezé. Sem dinheiro e com o marido refugiado na

Argentina, a solução foi Labibe e os filhos irem morar com a irmã dela em São Paulo. A tia era Alice Gelailati, a primeira proprietária de uma loja de vestidos de noiva, a Loja Marisa, na tradicional Rua São Caetano. Zezé lembra que a tia “foi personagem de uma reportagem de página inteira, na ‘Folha de S. Paulo’, exatamente por ter sido uma pioneira”, da hoje conhecida de todos “rua das noivas”.

A família foi ficando em São Paulo até Nicolau regressar da Argentina e descobrir que a história de sua prisão havia sido um mero boato. Contratado como gerente de uma empresa de beneficiamento de café em Nova Granada, localizada a 30 quilômetros de São José do Rio Preto, ele se mudou com a família e teve mais uma filha. Em seguida, mudaram-se para Santa Adélia: “Foi quando eu nasci, em 1940”, conta Zezé, que passou os primeiros meses de vida em Catanduva, onde o pai abriu um armazém de secos e molhados.

“A vida inteira meu pai dizia que o futuro da região era em São José do Preto e não em Cedral, que era um polo de desenvolvimento na época”, recorda. Afinal, a estrada de ferro demorou a chegar em São José, sendo Cedral o destino final dos trilhos e toda a exportação era feita via férrea. Como Zezé faz questão de frisar: “Mesmo naquela época, meu pai insistia, ‘O futuro não está aqui. Está em São José do Rio Preto’. E virou essa cidade pujante. Meu pai estava certo, era um homem de visão”.

Quando Maria José tinha um ano e meio, a família se instalou em São José, de onde nunca mais saiu. Nicolau teve ainda mais uma máquina de beneficiamento de café em Nova Aliança, cidade próxima, em seguida adoeceu e faleceu três anos depois, de embolia pulmonar, em 1959. Dona Labibe cuidou da família e tocou os negócios sozinha.

Quando o pai morreu, a duas irmãs mais velhas de Maria José já trabalhavam. A vida não era fácil

e a família enfrentou muitas dificuldades para sobreviver desde a falência. Apesar disso, nunca faltou nada para eles.

Mesmo não sendo mais o homem rico de outrora, Nicolau Aziz era respeitado na comunidade e participou dos bastidores da vida política. Recebia políticos em sua casa, que vinham conversar com ele e saber dos assuntos da cidade. Um deles era Coutinho Cavalcante, eleito deputado várias vezes por Rio Preto. Outro era Sampaio Vidal, deputado por Marília. Nicolau ainda foi um dos fundadores da Coligação Libanesa, atualmente Clube Monte Líbano. “Há uma foto dele em uma reunião dos fundadores, os cabeças árabes da cidade”, conta Zezé.

### O SARKIS QUE VIROU AZIZ

Uma peculiaridade marca a trajetória da família, cujo sobrenome Sarkis se tornou Aziz. “Um primo, com sobrenome Sarkis, veio parar na casa do papai. Só que meu pai vivia chamando a atenção dele, porque era um malandro. Para não ser associado aos problemas provocados pelo primo, ele quis mais assumir o sobrenome. Passou a registrar os filhos como Aziz, sobrenome de também adotou legalmente”, explica a filha. Na verdade, o Sarkis original vem da família do presidente da República do Líbano, Elias Sarkis, que governou a fase mais difícil do país, de 1976 a 1982.

Dos pais, Maria José herdou o amor pela educação e cultura. “Nossa formação não foi rígida, como era o costume entre certas famílias árabes. Minha mãe, apesar de analfabeta, até os 72 anos de idade era uma pessoa de mente aberta. Meu pai era mais patriarcal, mas não reprimia ninguém. Mas quem teve participação decisiva na criação dos filhos foi minha mãe, porque ele trabalhava muito. Mamãe conduziu os filhos para os estudos, nos moldou o caráter com exemplos de honestidade, sinceridade, doação e desprendimento. Em casa ela acolhia gato e sapato dentro de casa. Isso aprendemos com ela”, afirma.

Já o pai, foi a grande referência intelectual da família. Com ele Zezé adquiriu a paixão pela cultura e o conhecimento. “Sei tudo sobre a Segunda Guerra Mundial por causa dele”, conta. Meu pai aprendeu a ler sozinho, aqui no Brasil, e lia muito. Era bem informado, sabia tudo o que estava acontecendo no País e no mundo”, informa. “Ele foi uma pessoa correta, respeitado por todos. Foi

o único a ir à falência e manter o prestígio, nunca ninguém falou mal dele. Essas coisas vão calando na vida da gente”, destaca.

Nicolau orientou os filhos intelectualmente enquanto Labibe cuidou para que nenhum deles abandonasse os estudos. “Como não pode ir à escola, a paixão da vida dela era que os filhos estudassem. Somos todos formados, bem formados e extremamente independentes”, declara Zezé com gratidão.

### UMA VIDA DEDICADA À CULTURA

Zezé Aziz queria fazer faculdade em São Paulo, mas as despesas com moradia e material escolar eram muito altas - os livros eram importados. “Tive que optar por um curso em São José, onde faculdade havia acabado de ser estadualizada e se chamava Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Optei pelo curso de Letras Anglo Germânicas e comecei a lecionar”, lembra. O começo foi difícil, porque não havia tantas escolas na cidade, nem as estradas, como existem hoje. Para poder dar aulas em outros municípios ela acordava às 5h todos os dias. “Pegava uma jardineira, comia poeira na estrada e depois, nas aulas, comia poeira de giz”, brinca.

Passou a ser bastante atuante na cidade e na região, participando de vários movimentos culturais e políticos. Chegou a se candidatar a vereadora, mas não se elegeu. Faltou dinheiro para grandes investimentos de campanha e ela teve de contar apenas com a verba do partido. Porém, a projeção alcançada com candidatura, acabou colocando-a em evidência na

“O grande feito de Zezé Aziz é, sem dúvida, o Festival Nacional de Teatro. A Delegacia Regional de Cultura serviu como alicerce para o fortalecimento do evento”

região. Foi nomeada Delegada Regional de Cultura pelo governador Franco Montoro. Durante sua gestão incentivou a criação de várias Praças de Cultura, além da conservação e manutenção de construções históricas de arquitetos importantes, como o Cineteatro, em Mirassol, obra de Ramos de Azevedo, o mesmo que projetou o Teatro Municipal de São Paulo. Em José Bonifácio não havia nem biblioteca, embora a cidade contasse com bons colégios e bons professores. O município não tinha estrutura para tal iniciativa cultural. Zezé tomou conhecimento de um prédio abandonado, que estava só no tijolo e deveria se tornar um pronto socorro. Através de contatos com pessoas conhecidas, como Jorge Bitar, ela conseguiu convencer o prefeito de José Bonifácio a transformar o prédio em uma Casa de Cultura.



Os pais de Maria José Aziz: Nicolau Aziz e Labibe Aboujaudi



### FESTIVAL DE TEATRO, A MAIOR CONQUISTA

Mas a o grande feito de Zezé Aziz é, sem dúvida, o Festival Nacional de Teatro. No período entre 1984 a 1989, a Delegacia Regional de Cultura serviu como alicerce para o fortalecimento do evento que andava meio esquecido desde 1982, com um alcance de público bastante restrito. Zezé tinha como missão viabilizar as verbas públicas, estadual e federal, para a realização do Festival. Era também a interlocutora com as empresas da cidade, para levantar patrocínios e doações. Sua principal ferramenta de trabalho para convencer o empresariado a patrocinar um evento cultural era a propaganda. “Eu solicitava verba governamental e pedia aos empresários desde colchão para o alojamento dos artistas até alimentação”, lembra. “Não valia a pena promover um Festival de Teatro se ele não tivesse a capacidade de provocar um impacto na vida das pessoas”, afirma. Nas décadas seguintes o Festival nunca parou de mudar, se reinventar, experimentar e buscar novas linguagens e olhares. Em 2001, o Festival assumiu um novo conceito e se internacionalizou. E chega aos 50 anos, em 2019, como o Festival Internacional de Teatro de São José do Rio Preto.

“As cidades não tinham dinheiro, mas tinham cabeças pensantes”, avalia hoje Zezé. “Eu encontrava os prefeitos e agentes culturais para ajudar de forma que os eventos fossem realizados sem o dinheiro do Estado. Fiz isso com muitas cidades, porque dinheiro que é bom não vinha. Estava igual a situação de hoje, sem dinheiro”, conta. “As coisas foram melhores durante o governo de Orestes Quércia, quando o país estava se desenvolvendo”, lembra.

Mesmo tendo se retirado da cena política, Maria José Aziz não deixou de acompanhar a situação da Cultura na região e no Brasil. “As Delegacias de Cultura foram desativadas em todo o Estado inteiro. Não pode ser assim. É a Cultura que sustenta um país. É o esteio e a cara do país”, conclui. ■

ESPECIAL  
SÃO JOSÉ DO  
RIO PRETO

# AMOR DE FAMÍLIA



Os pais Fattoum e Mohamad,  
com os filhos, Souad, Rassen,  
Kassem e Radige

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Ela veio do Líbano ainda menina e cresceu no Brasil, vendo a luta e o empenho dos pais para educar os quatro filhos. Reunindo a memória afetiva do clã, Khadouy Saidah Hassem escreveu um livro. Carta do Líbano teve acesso a obra e conta aqui um pouco dessa história



Os irmãos Radige,  
Kassem, Souad  
e Rassen Saidah



O casal Fattoum e Mohamad

**E**ssa é a história de uma família que começa com um garoto nascido em uma pequena aldeia, Nassirieh, na Síria. Assim como muitos de sua geração, em vários países do mundo, viu sua vida mudar radicalmente com a chegada da I Guerra Mundial.

A Síria envolveu-se no conflito pois, na época, estava sob o domínio da Turquia e teve de enviar homens para a frente de combate. O pai de Mohamed Kassem Saidah, era esse o nome do garoto de Nassirieh, estava entre os convocados, um jovem ainda cheio de sonhos e esperanças que perdeu a vida em batalha. Em casa, sua mulher Radhouge e os filhos, Mohamed, de três anos, e Zeineb, ainda bebê, foi obrigada a ir morar com os pais, em uma casa onde foram tratados como escravos. Ela praticamente trabalhava em troca de comida. Porém, Radhouge viu uma chance de escapar daquela vida ao conhecer um viúvo que, assim como ela, tinha dois filhos e pretendia “fazer a América”, como se dizia então entre os imigrantes que se aventuravam fora de sua terra. Casou-se com ele e partiram para o Brasil, formando uma nova família, porém os filhos dela não estavam incluídos nos planos do marido e, assim, ficaram para trás, sob os cuidados dos avós e tios. Esse arranjo que pode soar estranho nos dias de hoje era comum na época e representava a única chance de sobrevivência para muitas mulheres.

Enquanto a irmã menor era obrigada a realizar trabalhos domésticos muito pesados para sua idade, Mohamed cresceu trabalhando na roça e pastoreando cabras - ambos enfrentando constantes castigos e maus tratos. Finalmente,

quando se encontrava em idade de sair de casa, o rapaz mudou-se para outra cidade, Baalbek, no Líbano, onde aprende o ofício de sapateiro, que levaria para a vida toda.

A irmã, Zeineb se casou primeiro, escapando assim da escravidão na casa dos avós, enquanto Mohamed casou-se pouco antes da II Guerra, em 1939, com uma jovem chamada Fattoum. Tiveram três filhos: as meninas Souad e Khadouy - chamada Radige por todos - e finalmente o tão aguardado varão, Kassem. Porém, novamente Mohamed se viu em dificuldades já que com o final da Guerra o Líbano enfrentou um período conturbado com a falta de trabalho e comida assombrando os mais pobres. Como sua mãe, que os deixara havia tanto tempo, e vivia agora no Brasil, ele decidiu deixar a pátria dos Cedros e trazer a família para uma terra de oportunidades. De Baalbek foram para Beirute, de lá pegaram um navio até Gênova, na Itália, onde embarcaram na terceira classe de outro navio - para o destino final da viagem. Enquanto os pequenos divertiam-se com a aventura, dona Fattoum padecia com os sintomas da gravidez do quarto filho, Rassen, nascido no Brasil.

Desembarcaram no porto de Santos em dezembro de 1949, com Mohamed disposto a esquecer as agruras e os sofrimentos do passado. “As crianças sadias e cheias de alegria foram a razão e motivação de sua luta por melhores condições de vida. Ele cumpriu sua missão com dignidade, sempre bem quisto por todos”, diz a filha Radige no livro que escreveu sobre a família, intitulado “Nossa História”.

Por aqui Mohamed reencontrou a mãe, agora casada com o “avô Youssef”, como o chamavam seus filhos. O casal era muito querido pelos vizinhos e

Rassen Saidah é professor e médico acupunturista, em São José do Rio Preto



amigos que fizeram na cidade de Nova Granada, conhecidos como “José Baiano” e “dona Maria”.

Viveram cerca de seis meses com a família - bem diferente daquela em que Mohamed cresceu - em uma casa ampla, cheia de tios e tias. Em seguida foram viver na casa de uma Tia Materna de Mohamed que havia falecido.

Desse período, a filha Radige guardou a lembrança do largo de São Benedito, onde havia uma igreja católica na qual fizeram o catecismo.

“Meus pais nunca nos proibiram de conhecer outras religiões. Tínhamos amigos católicos, evangélicos, protestantes e espíritas. Para ele Deus é o mesmo para todos”, faz questão de frisar.

As crianças cresceram e estudaram na cidade, onde estavam sempre às voltas com os estudos, passeios no campo e muita convivência com as amigas do novo país.

A família convidou Mohamed a trabalhar com os irmãos no sítio, mas ele preferiu prosseguir como sapateiro, alugando um salão próximo a uma padaria. Enquanto isso dona Fattoum cuidava da casa e dos filhos, principalmente que eles estudassem e tirassem boas notas.

Com a vida melhorando, Mohamed instalou a família em uma nova casa, maior, mas necessitada de reformas. “Era o nosso ‘pequeno palácio’”, segundo Radige. Ela conta que compraram móveis novos e até uma rádio vitrola, para tocar discos de música árabe que todos gostavam muito e apresentavam para os brasileiros.

A vida sorriu para o velho Mohamed que agora pode comprar um imóvel ainda maior para a família. A mudança aconteceu em 1960 e puderam inclusive comprar um carro em 1968: “Um fusquinha”, conta

sua filha. Ela se recorda do pai como um homem totalmente dedicado à esposa e filhos: “Às vezes era até autoritário, mas com momento de carinho que nos estimulava ao respeito e dedicação”.

As duas irmãs mais velhas, Souad e Radige, cursaram o Normal - que na época formava professoras - mas quem desejasse cursar o Clássico ou o Científico - atual Segundo Grau - ou um curso superior, teria que ir para São José do Rio Preto. Kassem foi o primeiro a seguir esse caminho e, mais tarde, se formou em Medicina, no Rio de Janeiro. Radige deixou a casa dos pais para estudar Biologia em Rio Preto.

A medida que os filhos davam novos rumos para suas vidas, Mohamed e Fattoum se viam mais ligados um ao outro, enfrentando o que hoje se conhece por “síndrome do ninho vazio”. Radige conta que a mãe sempre teve aparência impecável, cabelos bem penteados, unhas impecáveis com esmalte clarinho, colares e correntes que ouro acentuando os olhos cor de mel. “Eu sempre lhe dizia que ela era uma rainha e ela ria: ‘Só se for da cozinha’”, diverte-se.

Dona Fattoum faleceu primeiro, em 2003, deixando Mohamed inconsolável. Ele permaneceu sozinho na casa da família, sendo visitado com frequência pelos filhos já casados e encaminhados na vida, mas aos poucos sua saúde foi se debilitando. “Foi uma prova muito grande não só para ele como para todos nós”, avalia a filha.

Ele veio a falecer em 2011, aos 97 anos.

“Agradeço a Deus a oportunidade de ter participado dessa jornada junto a eles e com meus irmãos. A eles o meu carinho e a minha gratidão”, declara Radige no encerramento de seu livro. ■



# CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes  
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

**(31) 3299-3000**

# O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido  
conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais [libano.gov.lb/](http://libano.gov.lb/)

